

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MATUTO

PONTO

ACIMA:

*A Reprodução do Conhecimento no Saber Popular*

Adriano Salmar Nogueira

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por Adriano Salmar Nogueira e aprovada pela Comissão julgadora em 19 de Setembro de 1984.

*Adriano Salmar Nogueira*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MATUTO

PONTO

ACIMA:

*A Reprodução do Conhecimento no Saber Popular*

Adriano Salmar Nogueira

Dissertação apresentada ao Departamento de Filosofia e História da Educação, Faculdade de Educação da UNICAMP, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre.

Campinas - São Paulo

1984

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

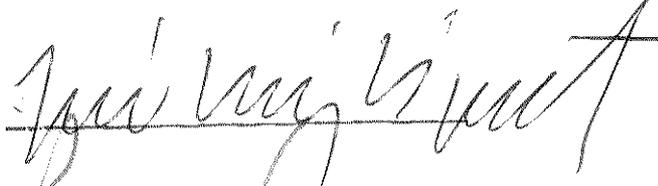
"Mesmo o que estou contando, de  
pois é que eu pude reunir relem  
brado e verdadeiramente entendi  
do — porque, enquanto coisa as  
sim se ata, a gente sente mais  
é o que o corpo a própria  
é: - coração bem batendo.

Do que o que: o real roda e põe  
diante."

João Guimarães Rosa  
Grande Sertão:Veredas

Agora conto as coisas  
que formaram passado pra mim, com mais pertença;  
... não sei contar direito: - aprendi um pouco foi  
com o Compadre meu Quelemem; e com ele me confi  
ro quando o caso é carecer de um explicado.  
Compadre meu Quelemem, homem de projetos, na man  
sa lei engenhando o seu atinar, ele quer saber  
tudo diverso :- ele quer não é o caso inteira  
do em si, mas a sobre-coisa, a outra coisa.  
Compadre meu Quelemem tem um seu respeito firma  
do, que entreve os porquês... me devolvendo na  
minha razão... J. Guimarães Rosa.

banca examinadora:


PRIMEIRA PARTE: MORAR NO QUE É DA GENTE.

1. O que dizem os moradores: uma cidade, nos bairros, começa...  
é quando?
2. Uma forma de historiar-se...
3. Morar na cidade: o sentido político das relações.
4. Os espaços da casa.
5. As regras do poder urbano (a urbanidade).
6. Problemas de terreno... é questão para a Sociedade Amigos do Bairro.

SEGUNDA PARTE: SOCIEDADE AMIGOS DO BAIRRO PARQUE UNIVERSITÁRIO.

1. O bairro e suas formas de reunir pessoas.
2. A reunião de pessoas e a formação do grupo Sociedade Amigos...
3. A Sociedade Amigos em seus "motivos de bairro".
4. Os "motivos de bairro" da Sociedade e a legalidade.
5. A legalidade da Sociedade Amigos de Bairro e suas articulações com o poder.

TERCEIRA PARTE: NA ESCOLA DA VIDA...

1. Como era a educação no tempo antigo?
2. O sentido dos momentos de aprender.
3. E como é a educação dos tempos de hoje?
4. Os momentos do sentido de aprender.
5. Os temas geradores.

QUARTA PARTE: A PRÁTICA RELIGIOSA.

1. O poder de atitude do crente: entre o aprendido no Tempo e o aceitado na Crença.
2. A certeza de Deus: no desgoverno desse "final dos Tempos" há um fiador da interioridade de quem se reconhece filho.
3. Dos atos de Homem às atitudes do Crente: caminho da Condição redimida, realização da vontade anterior da Divina Providência.
4. A celebração e a missa: o que nos é próximo e nos faz carentes; o que nos é distante e nos legitima.

QUINTA PARTE:

1. Das questões que ficaram...
2. Do poder da narrativa...
3. Da ironia desse necessário "subir na vida".
4. E essa narrativa interpretadora, em qual ordem social ela se supõe interpretada?

Morar no que é da gente.

1. O que dizem os moradores: uma cidade, nos bairros, começa...  
é quando??
2. Uma forma de historiar-se...
3. Morar na cidade: - o sentido político das relações.
4. Os espaços da casa.
5. As regras do poder urbano (a urbanidade).
6. Problemas de terreno... é questão para a Associação.

Tornar-se dono de um lote pensando em nele morar é torná-lo habitável. Pouco a pouco o lote vai sendo feito lugar de habitação: - nele as pessoas arquitetam, mediante sucessivos arranjos, as condições e características que encaminham e permitem a futura casa. Assim é que o que é construído vai se tornando habitação, o lote vai se tornando a casa, o loteamento vai se tornando um bairro.

E as pessoas vão sendo possuídas pelo lugar através daquilo que vão construindo. Elas vão se definindo moradores; possuir o lugar é ser por ele morado.

Existem muitas "tramas" inerentes a esse processo de construir-habitar. Sobre essas tramas (ou arranjos) é que vai se erigir o relato agora iniciado.

Os sucessivos arranjos arquitetados pelos moradores vão caracterizando a casa e o bairro e eles revelam, naquilo que vai sendo construído, as condições de vida possível. É nessa construção que as tramas ganham expressão; essa expressão é o próprio construído e é, também, o uso que dele se faz: — morar.

Morar naquilo que vai sendo permanentemente tramado é usufruir-se nessa lida de tramar o lugar e o bairro. E ser morador através desse processo é estar pervadido pelas condições de vida nas quais as pessoas praticam o verbo habitar. Essa arquitetura em ação, aqui apresentada pela caracterização das "tramas", circunstancia a ação das pessoas sobre o lugar e a ação do lugar sobre as pessoas.

Esse relato-refletido se conforma a partir do proceso criativo pelo qual as pessoas vão transformando o lugar... e do processo criador pelo qual os lugares expressam sua fala de ambiente preche de significados. A partir dessa ressonância de dupla mão é que veio se construindo a necessidade, agora explicitada, de relatar as vias da significância, pela qual pessoas e lugares vão assumindo a morada e o morador; e relatar é parte (desentranhada) do processo cultural de afirmação de sentidos que vai registrando os atos e as falas de pessoas e lugares, do habitante e do habitado.

Toda essa dinâmica acontece naquele lugar chamado de bairro; nele coexistem esses momentos de expressão cultural e é a partir deles que se erige a questão habitação. Problemas, soluções, dificuldades e descobertas participam nessa questão e são aqui enfocados na medida em que tonalizam, ora na construção, ora no usufruto dela, o tipo e a repercussão social das tramas que caracterizam o bairro.

Assim sendo, pensar na morada e na dinâmica pela qual ela acontece é, 1) para o morador, desdobrar no cotidiano das afirmações culturais, a amplidão reflexiva dessa relação de dupla ressonância e é, 2) para o relato, encaminhar aquelas maneiras pelas quais os moradores decidem dizer sobre si através de um texto escrito. Pensar na morada e no bairro é buscar a maneira pela qual se perfila o conjunto das tramas que, no processo, emanam (de) e caracterizam (as) pessoas e casas. Esmuiçar o acontecido no segredo dessas tramas é elaborar o "dicionário ontológico" pelo qual se fez de um espaço edificado, um bairro. Relatar o sucedido serve, também, para entretenimento de alguns momentos de memória e, assim, melhor se elucidam as

nuances das várias conquistas ou desavenças vividas por essa relação entre habitante e habitat.

E por aí se explicita, para que fale de si, agora através de um relato, a ciência de pessoas que se concebem moradoras a partir de sua experiência de morar naquela periferia. E muitas vezes o relato remete ao depoimento feito pelo morador ou pela morada. Pelo morador, fala o próprio; as circunstâncias e os entretantos dessa fala são explicitadas com mais vagar no decorrer do texto. Pela morada, fala a organização arquitetada de uma casa, de uma rua e do bairro; essa organização pôde, várias vezes, ser fotografada e comentada pelo morador.

Essa pesquisa, que procurou pensar na morada e na dinâmica pela qual ela acontece, se explicita no relato do trabalho levado a efeito na região periférica de Campinas, envolvendo os bairros Parque Universitário, Parque D. Pedro II e adjascências.

Nessa grande região da periferia de Campinas, localizada nas imediações do aeroporto, veio se desenrolando o conjunto desses processos que permitiram 1º) alguns bairros (periféricos), 2º) uma reflexividade edificada nas casas, nas ruas e na memória coletiva dos moradores.

O que dizem os moradores.

"Cheguei praqui em 1971: rua 5, lote 25 do Parque Universitário. Quando eu cheguei, aqui era puro mata, meu amigo. O senhor sabe onde é que tinha uma casa aqui? Tinha uma casa lá em cima, naquela rua mesmo, lá naquela rua que passa de-assim é que tinha uma casa! Tirando isso... depois tinha uma casa sinha beirando essa rua ali embaixo, onde termina o quarteirão. E era só. Aqui... olha... eu só não adquiri nada sabe porque? Porque a gente era pobre já, e eu tinha muitos filho. Mas... você sabe que o ano que eu comprei alguma coisa eu tinha que entrar era num lugar desse (e ele se ri) Agora... o que, antes disso, tinha era uma cerâmica, lá embaixo. Você sabe que a hora que eu saía daqui, meu amigo, para ir trabalhar lá na Cerâmica Palácios... é, eu trabalhava de turfeiro, trabalhei lá durante quatro anos, direto. Agora... quando eu ia passando lá nos bambu - hoje tem uma ponte ali, mas antes não - então, quando chegava ali, às vezes a bicicleta quebrava, então eu ia arrastando ela, era direto, às vezes embaixo de chuva... aquilo, de vez em quando, tinha... no meio da... é uma porção de coisas; se eu for falar a gente vai levar uma porção de tempo..."

Seu Manoel

"Isso aqui, quem construiu isso aqui fui eu mais um outro, aposentado que nem eu. Que nós mora aqui tá com dois ano. E na favela, antes, nós moramos também dois ano. E que aperto era, rapaz! No Jardim do Lago. Pra sair... eu pra sair de minha cama tinha que pular por cima do berço, assim, das crianças. Mas que rolo, rapaz! E depois a gente num sente que nem se fosse casa da gente, né? Num é aquilo que é da gente! Ficava lá: eu suando de trabalhar e querendo ter uma coisa da gente... um terreno... queria ter nem que fosse um barraco, vou falar assim... Mas nós num tinha era nada."

Seu Luís.

A fala sobre o espaço habitado vai historiando um período de relacionamento; relacionamento entre diferentes formas de entender os atos de habitar e de construir.

Nessa fala a partir do lugar de vida atual se his toria o relacionamento acontecido (e acontecente) entre 1º) as condições em que eles viveram e construíram e 2º) as atuais condições de viver e construir. É através dessa fala, concretizada nas produções culturais materiais ou não, que se erige no morador uma sua capacidade de interpretação: - assim é que ele se historia.

E nessa capacidade de interpretação que o conjunto das tramas urdidas criteriza, no espaço da experiência, as ma neiras de assumir o bairro como condição, como cidade.

Uma cidade, nos bairros, começa... é quando?

"quando os habitante começa a construir...  
quando começa aquele trabalho de construção aqui...  
ali...  
quando inaugura uma igreja e uma escola pras crian  
ça...  
quando tem bastante morador e vai crescendo, vai  
encorpando, as casas vão emendando...  
quando chega bastante gente, pega a construir aí  
uns bar...  
quando passa para o governo da cidade, e aí vai  
pra frente...  
quando começa a se unir os bairros...  
quando tem bastante habitante, vem água encanada,  
luz...  
quando o povo começa a morar e a trabalhar..."

Dos alunos da escola noturna.

As pessoas interpretam no lugar os sinais de sua concepção de habitar; e nesse lugar elas edificam, evidenciando sua maneira de tramar dentro daquela condição. Fazem planos e se empenham a partir de uma sua destreza que é, na maioria das vezes, um conhecimento que trouxeram consigo desde a experiên-cia anterior a Campinas. Essa destreza veio sendo mudada na medida em que se afirmou naquele tipo de construção possível; nela há um certo orgulho, filho talvez da experiência testemunhada. Essa destreza comporta noções sobre o espaço que vai sendo erigido e que vai servindo como um mediador entre os atos de viver e a experiência do vivido.

E tanto pelas falas, que orientam o relato, como pelas construções, que orientam as falas, é por essa destreza que se vai constituindo uma noção deles de historiar-se pelas falas e construções de seu bairro. O descompasso que existe nesse espaço-morada testemunha, simultaneamente, as subhumanas condições e as permanentes realizações.

A partir daí se presentifica a fala e é a expressão dela que conduz no relato a capacidade (dele) de averiguar onde e como se mostra essa consciência (sendo erigida).

A essas formas de fala (formas de historiar?) se prende o ato de relatar.

"... que nós compramos isso aqui, foi em 1979. Doze de maio de 79... o filho foi quem soube da notícia de uns terreno assim, assim... até quem falou prele foi um João, que era companheiro de serviço, que o filho arrumou prele uma vaguinha lá no serviço e eles jogava bola aí nos domingo, tinha seu time organizado e tudo... E esse rapaz tinha comprado um terreno aqui vizinho, e acabou vendendo, achou uma oferta e vendeu. Agora, o nosso aqui, es

se que você vê hoje assim, por esse o dono pediu 150 mil. Nós foi falã com ele e ele pediu esse tanto e eu achei um pouco caro. Aí ele pegou a dizer que havia de valorizar - como de fato se deu - e a coisa ficou naquilo. Entences eu, anda que anda, eu descobri que a patroa dele andava precisada de uma mocinha assim, pra serviço doméstico. E eu tinha uma sobrinha minha, naquela ocasião ela morava com a gente porque os pais dela tinha ficado no Paraná; e essa mocinha tava procurando emprego mas num queria de doméstica. E eu fui e falei pra ela: — Isabel, você tem essa precisão, foi donde que eu pensei se... por uns tempo que seja... e se desse certo... você tem lá um seu sustento... Ela ainda me disse que não, que num queria de doméstica, que isso, que aquilo. Eu disse pra ela que tava na razão dela; e disse também que podia ser por uns tempos apenas... e que ela era ainda muito menina, na época ela contava 12 anos, e que serviço melhor ia ser custoso arranjar por causa da idade... Sei dizer que por 120 mil me saiu esse terreno aqui. Duzentos e cinquenta metros quadrados, saído de economia minha e do filho.

E depois... mandamo vê no material, que éo que sobe todo dia; e nós comprava e já ajeitava de ir guardando tudo por aqui. Sô naquele começo foi 250 mil sô de material: - e a prestação comendo! Pesou! Foi um ano dureza aquele, tirado tudo ali de salário pingado. O filho mais eu... nós quase num pônhava o pé dentro de casa, aquela uma que a gente alugava, lá no Perseu. E fim de semana era direto aqui, começando essa construção. Depois mudamo: aqui era ainda mais começo do que casa... mas era nosso, né?

E veja você: mês retrasado nós pagamo a última prestação do terreno! Escritura lavrada, venceu. Moramo longe, mas é um longe nosso. E veja o tanto de construída. Vender nós num vende, apesar que as oferta sempre aparece, e nem aluga, que nada... que Deus tem ajudado que precisão de vender nós nunca teve, nem vai ter... que o que foi ele quem deu, num será ele quem vai tirar..."

Inocência Pereira

Uma forma de historiar-se.

Dentre os muitos fatos sucedidos, o poder da fala vai seqüenciando um certo fio da meada; a própria pessoa, a família, algum colega encarnam, pela vivência, as conquistas que a destreza permitiu tramar. É ao redor desse fio da meada que o entendimento vai alinhavando na fala, uma história percebida. E os critérios de valorização da casa, da família, (do trabalho) afirmam-se matizados por essa experiência.

O poder da narrativa vai detalhando nuances que são percebidas e selecionadas pela memória de cada narrador. Essa memória desenvolve uma teia de sentidos que se perfilam na fala e enunciam os ardis de enfrentar as concretas necessidades: - pouco dinheiro, alto juro da prestação, alto custo do aluguel, do espaço usado para guardar material, material muito dispendioso, preços que sobem muito. Em decorrência dessas necessidades é que se constrói para habitar no que foi possível construir; e se vive melhor na medida em que é possível habitar mais.

Nesse provisório permanente, a importância de pequenos artefatos ou utensílios conseguidos ganham significado na própria fala que historia. Tudo o que se conseguiu guarda relação com o permanente movimento de estar a caminho da melhora; morar e construir são momentos desse movimento. É o movimento de fazer, pouco a pouco, parte de uma cidade. Na questão da habitação, os critérios de bem morar e bem construir guardam uma estreita relação com os critérios da cidade. E a condição deles de lonjura, escassez de recursos, baixo poder aquisitivo, pouco tempo para o próprio constructo, influi numa defasagem

(... o descompasso pelo qual nos referenciamos) permanente entre as possibilidades deles e os critérios urbanos.

Mas é pela fala que se amarram e ganham sentido os diversos aprendizados sobre o espaço urbano; por essa narrativa, que é o próprio de cada um se dizendo, pertencido por sua destreza, reorienta-se permanentemente o aprendizado. E assim se desenvolvem aqueles que estão naquelas condições de aprendizado: - eles reorientam permanentemente a relação entre os atos de vida e os desdobramentos da experiência. Afligidos no cotidiano de seus atos pelas carências de sua condição, esses moradores se desdobram em inúmeras destrezas que estão presentes na casa e estão amarradas na fala. O ato de sobreviver, segundo as condições urbanas, é documentado pela casa (a morada) e adquire sua força de história quando reinterpretada pela expressão coletiva dos moradores dizendo seus atos.

"... esse mocô aqui, esse um que o senhor tá vendo, eu moro no que eu construí. Tá com seis anos que nós mora aqui, nesse Parque Universitário. Aqui, quando eu comprei, comprei de sociedade com um genro; nós tava naquela ilusão, era saído de pouco do Paraná, era os primeiros que de lá saia... Agora, aqui... veja o senhor, nessa Campinas e aqui onde a gente vive... o filho mais velho veio, depois o genro e aí eu acabei vindo morar aqui também, nesse fundo de casa da filha... que ali, na frente, mora a filha casada."

Seu Luís.

"eu moro no Jardim Vista Alegre, a rua da minha casa é a rua nove, minha casa tem quatro cômodos; na sala tem o sofá, uma tela e o porta livros; o lugar mais espaçoso é a sala."

No meu bairro ainda não conheço quase ninguém, mas os vizinhos que conheço são muito legal. Tem muitos que são de vários tipos de religião. Seu atual lugar de serviço é na cidade: - uns é pedreiro, outros é servente, outro é eletricitista. Alguns

*fazem casa, algum conserva a casa. O bairro não é dos melhor mas eu gostei."*

Dario Aparecido

A expressão coletiva da própria destreza refaz e reinventa aquela experiência antiga; no exercício de sobreviver dentro das condições ambientais os moradores se exercem nos atos coletivos de observar, discutir, reaprender e testemunhar socialmente o próprio, reaprendido. É assim que vai sendo dado um sentido para as muitas relações que são estabelecidas. É assim que a casa e a fala vão tomando a significação dessas relações: - relacionamento com os parentes e vizinhos de bairro, relacionamento com a compra e o custo de material, relacionamento com o poder religioso, relacionamento com colegas de lazer ou colegas de mutirão, relacionamento com as imposições da condição urbana...

Morar na cidade: o sentido político das relações.

Os valores e conhecimentos próprios aos construtores vão tomando residência na expressão do lugar construído; e os critérios vão sendo incorporados no lugar que se faz moradia : conforto, intimidade, economia, lazer, sentimento de pertença...

O modo de incorporação desses critérios depende das condições oferecidas pelo lugar; na morada reverberam as muitas adaptações que morador e morada mutuamente se fizeram. E assim podemos compreender como, também pela casa, vai-se conformando uma noção da urbanidade nesses moradores e em suas casas. O sentido prático de usufruto de pertences, utensílios, imagens e adereços configura um certo sentimento de pertença que explicita no homem habitador essa noção da urbanidade; os gestos de morar vão sendo sempre mais atos de cidadania daqueles que vivem na periferia da cidade.

*"aonde eu moro é rua nove, no Vista Alegre, e minha casa é muito grande e bonita; ela tem três modos e uma sala e três janelas de vidro. Na minha rua é muito alegre, tem muito colega; um morava no Paranã, outro em Minas, outro em São Paulo e assim torna um bairro amigável..."*

Antonio José

*"Onde eu moro eu crio porco, na minha casa tem costume de ter criação, leva 4 a seis meses para gordar o porco e todo mês mato porco pra vender. Nós morava no Paranã, eu e meu amigo gostava de tomar leite, todos os dias nós tomava leite..."*

Oswaldo Gomes

"eu vou falar do meu bairro, que é onde eu moro, minha rua é no Parque Universitário, o número é 441, o meu bairro num é muito bom porque é muito perigoso porque tem muito ladrão e precisa de ter um carro de polícia. Agora... a minha casa, eu vou falar: ela tem quatro cômodos, minha rua é rua 8..."

Samuel Rodrigues

"Quantos anos faz que eu moro no Parque Universitário são oito anos, eu moro na rua Benedito Roberto Barbosa, na rua onde eu moro tem bastante cores de casa: azul, amarela, vermelha, verde. Na minha casa tem sofá, geladeira, cama, guarda-roupa e tem três quarto, uma sala e uma cozinha, e os meus vizinho são muito legal e sempre nós bate um papo. Onde eu moro tem sempre colega, os nomes deles são: Roberto, Paulo, Cido, eles trabalha numa loja, no armazém, na cerâmica e outros vende verdura. Uns morava no sítio, outros morava no Jardim Yeda e outros morava na Costa e Silva..."

José Alves Pacheco

O espaço ganha um sentido de habitat e as pessoas-vizinhança são também fatores de compreensão sobre o morar na cidade; as relações estabelecidas entre as pessoas vão sendo mediadas pela casa e pelo bairro. A vivência de intimidade, expansão, acolhimento ou proteção vai sendo construída no modo de ser da habitação e é por aí que ela permite os jeitos e os gestos de pessoas que explicitam aqueles momentos de seu processo atual de urbanizar-se.

É pela fala da habitação que se entrecruzam diferentes concepções sobre o espaço vivido; o espaço é uma recriação que combina as condições oferecidas ali com as possibilidades permitidas pela experiência e pela memória. As relações vividas pelo morador com outros moradores ou com seus pertences edificam essa cidadania emergente.

A fala da habitação mantém vivos os utensílios ou móveis que se pode trazer na mudança; ela mantém vivos, pelos gestos do uso, os pertences que remontam ao início da vida do casal e também os pertences que vieram conotando as experiências de suas sucessivas andanças e moradas.

Quando esses pertences são distribuídos pelo sentimento de "morar no que é da gente" há um conjunto de significações que são como marcos de história tão concreta como a fala que sobre eles se enuncia; essa narrativa do lugar, muitas vezes também narrada pelo morador, é o fio da meada ao qual se prende esse relato.

Atualizar as lembranças é uma importante nuance desses moradores que edificam, na casa, um diálogo com as condições urbanas; nos costumes e usos que se dão ao espaço da vivenda expressam-se antigas concepções na condição de hoje. Na casa se joga o truco, na casa se reza o terço ou a novena, na casa se cria porco e passarinho, na casa se esconde a vara de pesca em alguma cumieira, no quintal da casa é que se planta remédio, flores e cana, na casa é que se enfeita paredes e sala, na casa é que se reúne para assistir os Trapalhões na TV. Mesmo que sejam conhecidos de pouco os parceiros do truco, mesmo que seja recém aprendido o folheto da novena (recebido na comunidade de base local), mesmo que seja ilegal a criação de porcos ou vacas, mesmo que sejam raros ou poluídos os rios e lagoas mais próximos, mesmo quando se tem pouco ou nenhum tempo disponível para cuidar de horta e plantas (e se vai optando, cada vez mais, pela desatenção do INAMPS em lugar da medicina caseira), mesmo quando os enfeites são recriações simplificadas embelezando através de algum subproduto industrial (reciclado),

mesmo que os temas dessa conversa sejam enxertos atuais na antiga semântica. Em todo esse processo acontece de o atual inserir-se pelo antigo adentro manifestando o poder recriador do cotidiano. A significação e os valores tradicionais se engravam da vivência de hoje e aí vai se caracterizando um movimento epistemológico de erigir sentidos através das precárias condições em que se pode viver atualmente. Senhor dessas relações recriadoras e servo das condições de recriação, esse morador delimita no espaço habitado e nas formas de recriar a sua compreensão sobre as regras da vida em cidade (a urbanidade).

O espaço da morada se reparte pelo uso que dele faz o conjunto de relações mantidas entre o morador e seu ambiente; no cotidiano desses moradores o sentido desse espaço usado os aproxima em certas condições de caracterização; 1) a procedência da imensa maioria deles é de região rural, ou de cidade muito pequena onde atuavam como sitiantes ou volantes rurais; 2) eles coabitam as mesmas precárias condições de vida da periferia da cidade.

Nas relações estabelecidas através da vivenda socialmente usada e familiarmente repartida os moradores edificam e são edificados; eles historicam, à maneira de suas recriações, as marcas desse mundo tornado bairro. Essas são as marcas ontológicas dessa redefinição: roceiros e migrantes em moradores e cidadãos.

Os espaços da casa.

Aqueles que migraram para a cidade têm pela frente a tarefa de construir, com uma certa pressa; a família vem chegando aos poucos, alguns primeiros morando com parentes para conseguir trabalho. Depois de pagar a prestação de entrada na compra do terreno, sobra muito pouco dinheiro para compra de material de construção; no início, pouco se pode construir. É uma fase de muito mais aperto: - é comum encontrarem-se muitas e muitas pessoas habitando em dois ou três cômodos pequenos; e é uma fase de adaptação e estranheza diante das condições de vida nessa periferia.

"... esse mocô aqui, esse um que o senhor tá vendo, eu moro no que eu construi. Tá com seis ano que nós mora aqui, nesse Parque Universitário. Aqui, quando eu comprei, comprei de sociedade com um genro; nós tava naquela ilusão, era saído de pouco do Paraná era os primeiro que de lá saía... Agora, aqui, veja o senhor, nessa Campinas, e aqui onde a gente vive... o filho mais velho veio, depois o genro, e aí eu acabei vindo morar aqui também, nesse fundo de casa da filha, que ali, na frente, mora a filha casada, a mais velha..."

Seu Luís

Construir é um processo lento. O morador e seus parentes têm apenas os domingos livres para construir. O material é sempre dispendioso para as posses deles; por isso, é comprado aos poucos, parcelado. E vai sendo estocado em lugar seguro, protegido de roubos: os tijolos por primeiro; as telhas e pedras depois; finalmente, madeira e ferro e a areia. Por último, o cimento e a cal. Durante todo o processo o morador

vai ajuntando material que possa ser comprado de segunda mão.

"... em 1977 o meu pai veio para o Parque Universitário ver um terreno para comprar. Veio ele e minha mãe. Quando eles chegaram no Parque, diz que era só mato. A minha mãe já não gostou e foram embora. Daí uns meses eles voltaram para comprar o terreno, e daí o meu pai falou — "nós compramos e deixamos ele aqui até que fica um pouco mais bom! Quando foi em 1978, finzinho, o meu pai começou a fazer a casa. Daí uns quatro meses nós mudamos para o Parque..."

### Domício

Os primeiros tempos do migrante são ocupados intensamente com procurar emprego e ajeitar uma acomodação para caber a família toda. No entanto, essa pressa por construir que vai sendo desacelerada pela carência de recursos e de tempo de construir. Relatando isso com melhor precisão: — a família habita naquilo que vai sendo possível erguer. E o ato (permanente) de morar se concretiza nos atos (provisórios) de tramar os lugares e os objetos.

Uma das partes que por primeiro se pega a construir é o quarto (ou os quartos); a casa começa a ser erguida desde o fundo do terreno. Ou, então, começa a ser erguida desde um canto do terreno. No início constói-se pouco: o quarto, a sala-cozinha e, quando possível, um outro quarto. Permanece, ainda não ocupada, uma área de terreno, geralmente a frente. Essa frente vai servir para estocar material quando a família puder aumentar o espaço da habitação.

O quarto não é, planejadamente, um grande espaço da casa; suas duas funções são: - dormir e guardar apetrechos. E o sono é, em geral, breve pois deita-se após os programas da

TV e levanta-se muito cedo para conseguir alcançar o primeiro ônibus (ainda com lugares disponíveis?). No que se refere à distribuição de espaços essas funções (ligadas ao dormir) são menos importantes do que outras. Além disso, por ser uma espécie de depósito de apetrechos, mobílias, roupas e outros pertences da intimidade da família, o quarto é usado para vestir e até para banhar (até que se possa construir banheiro maior do que a simples fossa).

"O que tem na minha casa. Na sala tem uma mesa e quatro cadeiras, uma copa antiga, duas poltrona bem velha e uma cantoneira ainda do Mato Grosso. Na cozinha tem uma prateleira, um fogão de lenha e um de gás; também tem uma pia e uma mesinha. No meu quarto tem uma cama de casal e três de solteiro; tem um guarda-roupa de solteiro e uma cesta de por roupa suja e uma peça. Nesse quarto que eu durmo, tem eu, a Fátima, Juzelha, Aparecida e Dalva. Esses dorme no mesmo quarto que eu, fora as crianças que mãe manda quando tem enchimento de saco pro lado dela. Agora, minha cama é de casal, perto dela tem uma peça de duas portas para mim colocar roupas que eu uso menos, e também para por outros objetos. Ao lado da minha cama tem uma prateleirinha com duas tábuas, essa é de por meus cadernos e meus papéis. Na minha cama tem almofadas e uma almofadinha com prida e uma colcha de babados. No quarto do meu pai tem um guarda-roupa de casal, uma cama deles e a cama do Daniel; tem a máquina de costura da mãe, dois malão, um saco de caixas em cima das malas. O banheiro da minha casa é do lado de fora, ele fica perto da cozinha, mas para que a gente alcance o banheiro é preciso ir pela cozinha; aliás pela porta da sala também dá para ir. Mas o mais fácil é ir pela porta da cozinha. No banheiro só tem uma latinha de por o sabonete e um varalzinho de por a toalha e roupas usadas..."

Ana Rita

No seu geral, os quartos são pequenos, apertados pela grande quantidade de pertences que comportam. Dormir, banhar e vestir são atividades da intimidade dos moradores para

as quais o espaço é pequeno, o tempo é limitado e o nível econômico é de curto alcance; a expressão da intimidade desses moradores refugia-se nesse ambiente que abrange velhas e novas coisas e pertences em um desarranjo acomodador.

A sala é o espaço da sociabilidade; a partir da sala é que os moradores se projetam numa forma de expressão. O lugar da sala permite um primeiro diálogo entre o dentro e o fora, um primeiro contato entre o de-casa e o da-rua. A sala oferece ao visitante (ã sociedade...) o projeto arranjado pelos moradores, ela expõe as tramas urdidas para o contato com o meio externo. A sala é o lugar onde os moradores explicitam e enfatizam o entendimento que eles têm sobre sua necessária sociabilidade.

Nos tempos primeiros de vida no bairro, quando a morada foi apenas iniciada, a sala é conjugada ã cozinha; o espaço comporta dois "lugares": - a sala e a cozinha. E comporta, também, os pertences de ambos os lugares. Sendo a cozinha um espaço do trabalho feminino ela é, quando conjugada ã sala, subsumida pela predominância da sala; tanto é assim que, quando chegam as visitas, quando se usa a sala portanto, o espaço da cozinha perde em importância e o trabalho da mulher vai sendo relegado para outros interiores da casa.

Os sintomas da sociabilidade ocupam a sala com hegemonia: - a relação dos moradores com a exterioridade da cidade exhibe um arranjo de objetos compondo imagens e sentidos que historiam aquela gente. A foto do casório do pai com mãe, o retrato do papa, a foto-montagem da visita ã Virgem Aparecida, os diplomas dos meninos, o retrato de algum parente ou das crianças quando pequenos, o atestado de primeira comunhão ou crisma das crianças, as folhinhas ou calendários de santos ou paisa

gens, a foto de algum político ou artista, o vaso-enfeite sobre a mesa ou geladeira, algum bordado sobre a mesa, alguma toalhinha sobre o fogão, a estatueta sobre a geladeira, algum trabalho manual de algum dos da casa; o conjunto desses pertences se distribui pelas paredes ou pela mobília e ajuda a compor o sentido social do entendimento deles. Esse quadro de pertences se completa pelas cadeiras, pelo sofã ou poltronas que se distribuem contornando um espaço da televisão.

Sendo também da cozinha, esse espaço se complementa por um guarda-comida que serve a ambos: é da sala e é da cozinha. Os pertences colocados nele são de uso do trabalho interno (geralmente feminino, quando da cozinha) mas se ajeitam de forma a fazer também parte da sala: as xīcaras destinadas a servir café, na bandeja, combinadas com o bule ou tērmica, os adereços ou enfeites ganhos em alguma rifa ou quermesse local, alguma louça herdada em família ou recordando alguma viagem . Há também objetos práticos, em permanente uso: a caderneta da padaria, ou bar, a conta da luz, as chaves da casa, os óculos de algum morador, o rádio portátil, os cadernos da reza, o hinário do culto, o carnet do Baū, as latas (colocadas em cima) de mesmo desenho e diferentes tamanhos onde se armazena o café, o açúcar, o feijão, a farinha...

Os objetos, na sala, são colocados de modo a circundar o acontecimento da sociabilidade; no caso de o mesmo espaço servir de sala e cozinha, os objetos de uso da intimidade ou as cenas de trabalho interno (da mulher) são disfarçadas na medida em que é acentuado o caráter ornamental da sala; ela parece adaptar a intimidade do morador para os contatos com esse mundo.

A cozinha é o lugar onde o trabalho feminino predomina também pela expressão dos objetos arranjados. Em toda a casa vigora a presença do trabalho feminino; mas parece ser a cozinha o lugar onde os sinais desse trabalho tomam conta.

O fogão e a pia e a geladeira (quando há uma) circundam essa área de trabalho; quando não há pia, uma mesa serve como lugar de preparação de alimentos. Muitas vezes há uma pequena área anexa à cozinha, um espaço prolongado da cozinha e externo à casa; esse prolongado serve de complemento às áreas de trabalho feminino. Nele se coloca um tanque para lavagem de roupa. Sobre ele se coloca um telhadinho ou um puxado de alguma trepadeira de flor ou fruta: (maracujã, chuchu, primavera dobrada, amor juntinho...).

Na parede, sobre o fogão ou sobre a pia, são colocados alguns pregos ou prendedores; a ela se prende, também, um fio que servirá de arranjo para sustentar inúmeros objetos de uso cotidiano: - tampas de panela de vários tamanhos, pequenas bacias, fósforos ajeitados em um guardador tricotado, temperos de vários tipos, colheres de pau, panos de prato, concha e espumadeira, e alguns outros objetos que o uso frequente exige estarem à mão. Forrando a parede, sob todos esses objetos, há um pano de prato muitas vezes bordado pelo capricho feminino.

Na área externa anexa à cozinha o trabalho da mulher se amplia para lavar e limpar; nessa área, que é coberta (com telha) quando o orçamento permite, se desenvolve algum trabalho corriqueiro quando a sala-cozinha recebe visitas. Há também o fato de que o poço da água se localiza o mais próximo dessa área de serviço.

"ali, veja você, eu instalei ali uma bomba, no poço. Ela está instalada só até a borracha, e usa dessas uma borracha curta. Se eu tivesse condições de colocar caixa d'água, encanamentos, tudo... fica va fácil. né? Mas, mesmo assim, eu dou graças a Deus até ficã tudo preparado; e já é melhor, por que: já viu, ne? tirar água no balde, eu vou tẽ contar... Aqui sã deu água com dez metros! Aqui eu fiz assim: num tem rede de esgoto, quando vier vai passar no fundo, nã usa fossa. E o encanamento do banheiro eu fiz cair na fossa mesmo, na frente; no buraco que eu tampei. Já a fossa, eu fiz ela lá no fundo, e futuramente eu ligo ela com a rede, lá no fundo. Ali, quando eu fiz a fossa ali, olha - rapaz, num tinha dinheiro nem pra fazer um banheiro, sabe? Então o meu cunhado, o irmão dela, arrumou pra gente quebrar um galho, né? Tampou... tá bom. Vai quebrando um galho.

Seu Luis

A casa está sempre em processo de acabar-se.

Os moradores vivem sempre nesse processo que faz com que a casa seja inacabada e provisória em todos os seus detalhes. A urgência de terminar os coloca em um compasso de espera: a pressa pelas coisas acabadas os conduz a um seu futuro desacelerado. A precisão e a carência em que se vive se baseiam no presente incompleto, inacabado e elas demonstram, também, a ciência por eles adquirida; precisão e carência revelam, portanto, os dois lados dessa experiência de construtores: 1) o lado, mais antigo, do conhecimento que lhes permitiu construir a morada e 2) o lado mais recente no qual essa morada construída demonstra, através de sua incompletude, uma certa "insuficiência social" do conhecimento deles. Todo o conhecimento por eles adquirido durante a vida serviu para tramar, dentro das condições urbanas, a morada que vai sendo erquida; e tudo o que foi construído e tramado é insuficiente e incompleto por causa das mesmas condições urbanas nas quais eles se exercem como construtores. A maneira de ser do constructo explicita,

através dessa precisão e inacabamento, uma urgência de futuro. E o futuro vem remediar essa incompletude que o presente demonstra. Cada tijolo e cada parede vai sendo assentado na espera de o dinheiro aumentar: a casa sedimenta uma espécie de expectativa permanente.

A experiência registrada na casa, a ciência resistida na construção é um testemunho de que essa maneira de vida é um "quebra-galho". É sempre incompleto, no presente, o passado desse conhecimento que se atualizou. A grande flexibilidade desse conhecimento atualizado permitiu existir a morada em precárias condições de vida: houve inúmeras adaptações criativas. E essas adaptações não escondem a insuficiência da vida residida.

As regras do poder urbano (a urbanidade).

"você vê, a gente é pobre, vai aos poucos, material que é nosso é porque veio vindo aos poucos, a gente por isso num assenta... sem planta a gente num assenta nem meio tijolo! Porque amanhã, depois ... vem aí o engenheiro e diz: 'mas e a planta?' Sem a planta eu num quero entrar a construir por conta própria, pra mode num cometer uma injustiça. Eu quero e muito é começar mas que seja um negócio aí de acordo. Porque tem os engenheiro, eles traz aquela planta, se num tiver de acordo... eles tem aquela condenação. E vai, entra nisso a prefeitura, o juiz até... aí já num fica de acordo, né? A gente só faz é ficar com água na boca... se num tiver de acordo."

Seu Antonio

Muitos desses moradores trouxeram como experiência vivida, um certo conhecimento em construção; e quase todos eles já se exerceram no poder de construir. Furar um poço, abrir uma fossa, reconstituir uma cisterna, fazer um forno de barro na porta da cozinha, fazer de madeira um quartinho ou uma tulinha, construir aí uma casinha ou uma capelinha de duas águas e branca de cal, fabricar ele mesmo o seu tijolo, trabalhar com madeira um galinheiro ou um paiol cobertos com sapê ou buriti; existe na compreensão cultural deles um variado know how em torno à construção. Eles habitam no que eles podem construir e, assim, habitam em sua capacidade cultural de tramar a morada.

Habitar é, também, viver dentro das possibilidades da vida atual; e essas possibilidades decorrem de condições sócio-econômicas. O modo de vida, a distância entre os seus lugares de freqüência (cidade, trabalho, lazer) o valor econômico das coisas necessárias, o pouco tempo disponível para trabalhar no que é seu... esses e outros fatores influem na di

menção tomada pela morada. E outras influências existem: o tipo de material reaproveitado em segunda mão, o tipo de material disponível nos depósitos mais acessíveis, os padrões éticos determinados pela "planta-padrão" das prefeituras, aqueles requintes técnicos apreendidos pelo morador na sua lida profissional já na cidade.

Esse conjunto de possibilidades e influências prō-prias à condição de vida desses moradores constituem as "regras da urbanidade"; segundo a denominação deles: "a planta dos engenheiro".

O peso de influência dessas regras sobre aquele know how prōprio aos construtores configura aquilo que chamei "urbanidade"; essa urbanidade vai sendo definida através da casa e do bairro. Ela vai sendo constituída pelo know how que "se esconde" dentro da configuração (provisória) das casas. A urbanidade vai sendo conformada pela expressão dos modos de morar. Entre os projetos que os moradores fazem (projetos que ainda não compõem a feição concreta da casa) e aqueles espaços nos quais eles habitam (espaços que realizam apenas em parte o conjunto dos projetos que os moradores supõem) está a relação existida. E é justamente a relação entre formas de historiar e maneiras de urbanizar-se (no exemplo aqui: através da morada) que se constitui em 1º) uma intenção desse ato de relatar, 2º) uma possível "medida" da consciência em exercício.

Essa consciência de estar em processo de urbanização, (consciência de construir dentro de algumas regras da urbanidade) se exerce e se constitui na experiência de absorver e recriar os critérios da "planta-padrão" elaborada por técnicos da prefeitura; essa recriação leva em conta 1º) o conhecimento

cultural deles na leitura das condições do terreno (lote) com prado; a umidade, a orientação da casa em função da sua continuação, a reutilização de material de construção segundo inúmeras adaptações e 2º) leva em conta as características (algumas desconhecidas) da planta-padrão pensadas dentro de critérios ergonômicos estranhos à essa gente.

Isso que aqui é denominado "critérios estranhos à ergonomia daquela população" pode ser caracterizado, através das "plantas-padrão", em alguns (dentre outros) detalhes: 1º) o espaço interno da casa desenhado de acordo com o padrão de vida, que considera importante um hall interno; esse hall, diminuído ao extremo, dado o pequeno espaço do lote, normalmente significa uma área inútil e desaproveitada pelos hábitos de uso da casa, próprios a esses moradores. Essa areazinha, mesmo quando reaproveitada pelo uso cotidiano dos moradores, permanece menos útil aos padrões culturais deles.

2º) As concepções de ventilação e iluminação que dimensionam salas e quartos desconsiderando os usos que deles fazem os moradores; janelas ou vitrões que são desenhados segundo uma posição simplificada: a filosofia do "fazer o mais barato" não deixa prever a criação e a invenção por parte do construtor.

3º) As concepções de conforto e lazer próprias à cultura dos moradores são desconhecidas; certos detalhes como a localização da iluminação elétrica, a colocação de tomada elétrica, a concepção de unidade sanitária, compreendem os usos de habitar como uma casa pronta, acabada, mais barata e de acordo com certo tipo de material de construção nem sempre (quase nunca?) acessível ao construtor.

As muitas adaptações que vão surgindo recriam essa "compreensão dos usos de habitar" segundo muito material rea pro ve it a d o . . .

Essa padronização que se impõe através das plantas, e que certamente é pensada para custar menos, propõe um cer to "ideal urbano" para as moradas auto-construídas; são as regras da urbanidade propostas através da planta que se faz necessária à obtenção do habite-se. Esse ideal urbano para a moradia responde a uma compreensão dos usos de habitar que é estranha à concepção cultural dos moradores; mais estranha ainda se torna essa compreensão quando levamos em conta as condições econômicas que cerceiam a construção da morada possível. Esse ideal urbano, condição para a legitimidade da ca sa que obteve o habite-se, permanece como ideal a ser atingido quando as condições do orçamento permitirem. E a vivenda, que no cotidiano se faz concreta em uma casa, vai sendo enten d ida como "quebra-galho".

Alguns exemplos, muito concretos e muito comuns, de mon str am essa situação de pessoas que se explicitam como moradores: o costume de furar uma cisterna, costume bastante comum a eles, é uma necessidade para as casas e é, também, uma facilidade. Necessidade porque o bairro não teve água encanada, nem saneamento básico, nos quinze ou vinte primeiros anos de existência; os moradores que construíram nesse período dependeram de água de poço. E isso é bastante fácil e eco n ôm ico porque é muito próprio à formação cultural da vida an ter ior. Essa água obtida através de poço se localiza próxima à área de serviço anexa à cozinha. E a canalização da água pa ra as demais dependências da casa segue uma certa lógica pr ó p ria a essa obtenção dela: nem sempre há canalizações internas

nas paredes, nem sempre se pode comprar e instalar uma caixa d'água porque isso acarretaria na compra de uma bomba-motor para condução da água até a caixa, nem sempre se pode canalizar água até o banheiro e a fossa porque esta é (provisoriamente) localizada em algum canto do terreno...

A água encanada, quando finalmente chega e é vendida pela SANASA aos moradores, significa uma transformação muito grande na casa e nos hábitos. Significa, além dos gastos com a prefeitura e a instalação, uma mudança nas estruturas de trabalho e de uso da casa; além do preço, que sempre é um peso difícil para o orçamento, os hábitos de uso cotidiano da casa parecem conspirar contra a água encanada. E muitos deles resistem. Nos primeiros abaixo-assinados feitos pela Associação dos Moradores para contato com a prefeitura e a SANASA cerca de 60% dos moradores recusaram-se a assinar. Mesmo concordando com o fato de que a água encanada é sinal de progresso, persistiu uma atitude reticente, quase desconfiada, frente aos abaixo-assinados. E muitos deles se posicionaram claramente contra a mudança necessária para obtenção da água encanada.

E, assim como essa, muitas medidas providenciam na vida cotidiana algumas necessidades satisfeitas na base do "quebra-galho"; e em torno a esse "quebra-galho" desenvolvem-se muitos hábitos de vida, muitas dimensões da casa. Aquelas mudanças propostas pelo "progresso" do bairro são, muitas vezes, vistas como pouco necessárias, além de dispendiosas. São muitos os exemplos possíveis: a instalação elétrica improvisada, puxada do vizinho mediante um fio-extensão (medida comum, considerada ilegal pela CPFL); os plásticos ou tábuas adaptados em janelas no vitrô ou até no telhado; alguma criação de galinha, porco ou animal que sirva de tração e que dimensiona al

gum espaço da casa. Algumas dessas atividades são, inclusive, tidas como ilegais por esse ou aquele decreto municipal; e essa é outra forma de pressão do ideal urbano que vai se impondo ao bairro.

Assim é que muitos detalhes da vida e da casa parecem incongruentes com o necessário progresso do bairro. E a lógica da vida desenvolvida nessas condições "quebra-galho" vai erigindo circunstâncias ergonômicas que parecem chocar-se contra aqueles critérios das plantas-padrão oferecidas pela legitimidade da prefeitura. As pessoas moram na provisoriedade de uma casa sem habite-se e sem a planta desenhada por escritórios, as pessoas vivem provisoriamente em um lote (algumas vezes situado em um loteamento clandestino) cujas condições infraestruturais são irregulares e por elas nem a prefeitura, nem o loteador sabem encaminhar atitudes positivas.

Moram provisoriamente sempre, e articulam afirmadamente os critérios que arquitetam uma casa, um bairro. Essa experiência de construtores se afirma na casa que é possível ter, a cada momento; e essa mesma experiência se desafirma na ilegitimidade das casas interminadas.

E assim é que se desenvolve permanentemente uma certa "desritmia ontológica" nessa experiência de vida; as pesoas rearticulam o seu conhecimento em função da experiência de morar; e morar é aquele conjunto de atos culturais que se alojam no que é possível. No entanto, a vida possível é sempre insuficiente, inacabada (às vezes até ilegítima, segundo os critérios da urbanidade). Entre aquele possível concretizado e a regra urbana idealizada desenvolve-se aquela "desritmia" de inúmeros atos epistemológicos afirmados e despertencidos ,

simultaneamente.

Essa maneira de urbanizar-se gera um conhecimento que informa uma certa "historidade" própria àquela experiência; e, nesse primeiro momento, o relato procurou situar essa "historidade" concretizada a partir da morada. Esse procedimento "elegu" a morada como ponto de partida por entender que a experiência de vida urbana está profundamente centrada na moradia, no lote, no bairro.

Algumas das recriações culturais que vão decorrendo dos atos de construir e morar vão sendo encaminhadas aqui, segundo uma lógica que parece ser própria aos moradores; outros aspectos próprios ao processo de viver na periferia da cidade-Campinas vão surgindo. Na medida em que os acompanha, esse relato procura encaminhar o refletido (a questão do conhecer) através de algumas práticas sociais coletivas aqui priorizadas.

Uma das principais "decorrências" da morada é o bairro que se forma; e a vida no bairro vai formando a noção coletiva de ser morador. Essa noção coletiva assumiu a forma concreta de um movimento da população...

"agora... esse problema do terreno... se o Seu Jo venílio lo presidente da Associação de Moradores se a gente falasse com ele, que ele tã mais por dentro dessas questão, fazer a um abaixo-assinado pro prefeito. Ele teve aqui, semana passada o prefeito teve aqui, eu tava trabalhando aqui em casa, num atinei, senão eu tinha ido lá e falava com ele desse assunto. Eu já pergunte pra eles umas par de vez, perguntei pra eles lá da prefeitura o negócio da planta se tã tudo legal; mas parece que nunca resolve. Então, seria assim, se batesse um papo particular com o prefeito e tal, e ele indicava a e a gente fazia um abaixo-assinado. Então, se esse negócio cai na mão do prefeito eu acho que resolvia mais fácil. Que nem, aqui do lado tem um japonês que comprou... quando o japonês comprou, o cara que vendeu pra ele suspendeu a cerca mais pra cima, pra ver se ganhava. Então o japonês foi esperto: foi lá e registrou. Mas aqui o nosso num tem registro pra isso. Porque pra vender um loteamento tem de ter registro na prefeitura, né? Então!... aqui, eu num sei como é que fica isso aqui..."

Seu Luis

## Sociedade Amigos do Bairro Parque Universitário

1. O Bairro e suas formas de reunir pessoas.
2. A reunião das pessoas e a formação do grupo de Sociedade Amigos do Bairro.
3. A Sociedade Amigos em seus "motivos de bairro".
4. Os "Motivos de Bairro" da Sociedade Amigos de Bairro e a Legalidade.
5. A Legalidade da Sociedade Amigos de Bairro e suas articulações de poder.

Uma Sociedade Amigos de Bairro (aqui denominada SAB) é aquele movimento de pessoas que se envolvem em certas práticas orientadas, principalmente no sentido de trabalhar pela melhoria de seu bairro. Essas práticas são desenvolvidas dentro desse movimento que associa as pessoas em uma Sociedade de Bairro. Partimos dessa provisória "definição" da SAB para aprofundar nossa compreensão durante o decorrer desse trabalho; na medida em que as práticas coletivas da SAB forem sendo contextualizadas pelo entendimento dos participantes essa "definição" vai sendo melhorada. As inferências e os comentários da população envolvida servirão para aprofundar o significado desse organismo (a SAB) dentro do bairro; essas inferências e comentários, quando contextualizados, podem contribuir na compreensão que vamos tendo sobre esse movimento de moradores.

A experiência de vida das pessoas e a condição de moradores no bairro permitem a reunião de pessoas em algumas práticas sociais coletivas; através dessas práticas que "associam" moradores, pessoas se redefinem em torno ao exercício de inferir e conferir sentidos (sentidos sempre compartilhados) às suas coisas, seus lugares e relações sociais. Aquelas práticas, portanto, através das quais muitas pessoas se redefinem, trazem esforços de delimitar objetivos; é na organização estratégica para realizar tais objetivos que as pessoas explicitam uma sua compreensão do espaço urbano, agora politicamente possuído pelo movimento.

Esse espaço urbano vai sendo assumido pela expressão política de uma associação de moradores e as pessoas se mobilizam através de canais que configuram o alcance de sua compreen

são; e configuram, também, na extensão de atos da SAB, a imposição de certas condições da vida política urbana. Essa mútua configuração caracteriza a prática de associados como um movimento que se desdobra entre a compreensão daqueles moradores e os condicionantes da vida política urbana.

Esse desdobramento permite o processo pelo qual a SAB transforma posicionamentos percebidos pela vivência, em objetivos (reivindicações) explicitados estrategicamente.

Esse desdobramento é o processo da "coletividade-em-ato" que explicita o entendimento (a compreensão) que aquelas pessoas vão tendo sobre a extensão coletiva e a repercussão política de suas posturas de moradores; e como se caracteriza que aquelas significações que encorpam a história coletiva dos moradores em processo de transformação?? E essa transformação delimita uma certa "passagem": moradores se explicitam como cidadãos através da politicidade de uma entidade (a SAB).

Uma outra caracterização possível (e importante) procura ressaltar aqui aquelas formas pelas quais os moradores (e associados) vão historiando o seu próprio processo de transformação. São as formas, por exemplo, que, através da expressão política, uma (deles) teoria sobre as maneiras de ser e transformar do Homem-em-cidade. Através dos processos de organização em SAB eles se compreendem e explicitam uma historicidade nessa compreensão.

O alcance dessa epistemologia-em-ato, na medida em que configura explicitações dessa "ontologia historiada", tem suas formas específicas de caracterizar tanto as condições de vida como o entendimento que se elabora sobre tais condições.

E tanto as condições de vida como o entendimento sobre elas , surgem absorvidos e recriados pela reunião de pessoas que organiza direções políticas e permite, assim, aquele processo de desdobramento do Saber Popular na atuação que o atualiza.

Uma certa seqüência que encaminha esse processo de desdobramento do Saber, parece partir daquele fato de que os moradores do bairro vão sendo habitados pelas necessidades e condições desse bairro. E são as necessidades e condições que delimitam um conjunto de circunstâncias nas quais as pessoas recriam, através de práticas coletivas, as suas expressões culturais. Nesse momento entendemos a SAB como canal que reúne , através de pessoas, uma direção política ao ato de morar; em termos de bairro, que é o horizonte no qual se insere esse relato, houve momentos de reunião de pessoas que permitiram o amadurecimento da idéia de uma Associação de Moradores do Parque Universitário e Adjacências de Viracopos...

## O Bairro e suas Formas de Reunir as Pessoas.

"... no campo de futebol é o lugar onde se encontram as pessoas. E eles vem pra aplaudir o seu time".

Moisés Brito

"... no campo de futebol é uma diversão que o povo adora; e curte e vibra também, e é mais um lugar de se encontrar, reunir, andar, divertir, etc. No campo de futebol o povo conta suas aventuras, até exagera, conta suas piadas, fica sendo muito importante as pessoas se encontrar naquele ponto. A cerâmica também é um meio de as pessoas se reunir; a cerâmica é uma fábrica de tijolo, é uma firma onde os funcionários se reúnem para trabalhar todos os dias. A Cerâmica Calena fica na rua 3 do Parque Universitário".

Edson Rodrigues

"... lá onde eu moro existe uma cerâmica; lá as pessoas conversam e cada um aprende coisas novas das outras pessoas. As pessoas trabalham mas sempre contentes porque sempre há alguém pra bater um papinho".

Edilson Lindolfo

"... a igreja é um lugar de reunir as pessoas; todo mundo vai na igreja para falar com Deus e depois que sai eles ficam na porta da Igreja conversando, trocando idéias um com o outro e também vai conversando para casa, pela rua afora."

Maria de Fátima

"... em nossa comunidade de Jovens, da Santa Inês, é onde nos reunimos, para falar de Deus..."

Isabel Conceição

"... o Círculo Bíblico é um meio de reunião de pessoas para conversar coisas de religião e de igreja e para as pessoas ter mais união e paz um com o outro. Agora... num bar também se reúnem muitas pessoas para se divertir, jogar sinuca e pebolim e jogar baralho e tomar bebidas e comer doces, etc. São que eu num fico muito em bar é porque sai muitas encrencas e brigas, é bom a gente evitar quanto puder."

Ademir Venturino

"... num bar se reúnem muitas pessoas e essas pessoas uns pra comprar, outros... no bar sempre tem mesas de jogo, muitas pessoas entrar para jogar, são que mulher quase num fica ali..."

Odete Costa

"... uma forma de encontro no nosso bairro é quando as pessoas vão num casamento, num aniversário, ou numa festa muito divertida..."

Edson Antonio

As muitas pessoas do bairro consultadas sobre as reuniões (ou formas de encontro) de pessoas caracterizam essas reuniões pelo porque acontecem; as reuniões acontecem pelo trabalho, pelo lazer e pelas práticas religiosas. A observação dessas formas de encontro se reporta, também, àqueles costumes que já eram próprios à vida anterior ao bairro: religião, lazer e trabalho reúnem algumas pessoas em alguns momentos já socialmente conhecidos.

O processo de colheita dessas consultas foi feito, principalmente, dentro da escola noturna, junto aos grupos de alfabetização. Esse processo e essa escolarização serão melhor enfocados e aprofundados em um momento posterior desse trabalho. As pessoas desses grupos de alfabetização — adultos,

todos — normalmente não citaram como formas de encontro: as salas de aula (reunião para estudo) nem as reuniões de SAB. Tanto uma como outra não parecem ser formas de encontro tão costumeiras e conhecidas como religião, lazer e trabalho.

Sobre o processo de formação de grupos que foram tendo mais e mais consciência de si como "associados-em-uma-entidade" desse tipo, não houve nunca referência a experiências anteriores à vida em Campinas; quando surgiram, essas referências já se situam na cidade...

"... agora, a primeira reunião que nós fez foi na casa da Vera. Depois... quando eu fui eleito... a reunião era lá em casa, lá na rua 16. Tinha lá umas Brahma e um churrasquinho. A Vera era secretária da Sociedade, naquele tempo. O marido dela era segundo tesoureiro. E aquele que morava lá no D. Pedro... esse não trabalhava, porque ele ainda não era nada de Sociedade. Ele era um sócio, só."

Lázaro - o Alemão  
O primeiro presidente da SAB

A Reunião de pessoas e a Formação do grupo SAB.

O processo pelo qual se forma um grupo que vai tendo experiência de Moradores-Associados, acontece a partir das práticas corriqueiras de refletir a própria experiência dentro das necessidades percebidas no bairro; alguns encontros sucedidos, muitas conversas praticadas se generalizam caracterizando pessoas, caracterizando, enfim, as sementes de um movimento. Essa caracterização a nível de bairro têm, como já foi sublinhado, alguma decorrência da tradicional sociabilidade dos moradores e alguma decorrência das formas práticas pelas quais esses moradores analisam seu bairro.

"... agora... que nem no que o senhor falou, o camarada que é chegado de novo num lugar que nem o Par que, é preciso agir na sinceridade, nas boas amizades; porque... se chegar na cara dura e sem ser alegre, aí é difícil arranjar companheirismo. Precisa sempre de ter uma palestra um com o outro, aí o tempo vai passando. Que nem nós... a gente encontra, às vezes, num bar, aí eu puxo uma prosa com o senhor. Como agora: eu tava lá... se o senhor não fosse aí uma pessoa de andar dado, então o senhor não ia me esperar lá, observar a gente brincar no sinooker, e depois acabou e viemos juntos. Tudo isso te devo o brigação, te devo essa cortesia que é uma parte que eu e o senhor... nós temos essa parte: o senhor pra arranjar amizade, o senhor já tem isso aí. Quer dizer: esse um que o senhor foi comigo, já pode ser um exemplo, de bem, pra seus alunos."

Seu Manoel

A disponibilidade e o trato social da pessoa é fundamental nessa caracterização de pessoas que vão, em termos de bairro, sedimentando atitudes que, pouco a pouco, irão encorpar funções. As referências que conotam, para a população, o tipo de

engajamento possível exigido pelas funções de SAB são referências inferidas, em grande parte, desse "agir na sinceridade" do comportamento cotidiano.

Um outro aspecto que marca essa referenciabilidade pelo cotidiano foi, repetidas vezes, sublinhado pelo Seu Manoel:

*"tem uma coisa que é preciso entender. Vamos supor assim: chegam dois sujeitos pra morar aqui, no Parque. Às vezes até chegam da mesma região, que nem do Paraná tá assim de gente aqui. E dois sujeitos até bom. Como é que acontece?... se um deles pega e segue a Sociedade e ajuda e tal. Agora... o outro já não, já num tem aquele mesmo interesse. É... o senhor sabe... pra tudo isso é dom de Deus! Pra tudo isso Deus dá o... às vezes os dois são bom sujeito, mas eles não são iguais, né? Então! É a mesma coisa: vem dois homens... mas nem todos os dedos da mão são iguais! Vem dois homens, eles é diferente, é distinto, é pronto para o trabalho, mas sempre um é melhor que o outro na Sociedade; no momento que você pensa que os dois é igual, então cá nessa falta. Um é tal... o outro serve mais do que aquele. Então é por isso que é preciso fazer uma pesquisa, uma consulta na pessoa..."*

Seu Manoel

Além da ação de Deus, que é um referente permanente para a atuação deles todos - e em qualquer circunstância - existe um critério de análise (discernimento). Essa análise é feita, em diferentes graus, pelo conjunto dos moradores do bairro: trata-se de "avaliar" se cada morador do bairro apresenta características de associado em SAB. Essas características analisadas demonstram, quando presentes na prática do morador, um certo poder de exercício pró bairro (pró coletividade).

Essas características de pessoas são, em um primeiro momento, denotadas da condição pessoal manifesta no enfrentamen-

to às condições desfavoráveis de vida da periferia. Tais condições enfrentadas vão dando corpo à experiência vivida de posicionamentos...

"... até a Vera pode contar essa história: porque eu lutei pelo bairro e lutei por inimigos. E, eu tive inimigos ali... porque... formou uma Sociedade de fantasma, lá, antes da nossa Sociedade. Uma Sociedade fantasma: sem estatuto, sem nada. Inclusive o culpado disso foi o dr. M., porque tinha lá um rapaz, dono de um barzinho ali, um pouco mais pra baixo. Esse tal rapaz foi um inimigo meu; meu não... nosso, da Sociedade. E por causa da tal Sociedade fantasma ele achava que ele era o presidente do bairro. Então ele tinha "aquele" cartaz ali... e ele juntou algum dinheiro e trouxe uma luz particular. Ele mesmo acertou a luz particular.

E eu falei pro povo: 'num entra nessa aí!' Ele queria entrar com a luz particular no bairro, mas ele tava era com interesse no dinheiro. Então ele colocou. Da rua 28 pra baixo ele colocou luz particular. Ele até acertou na Companhia: pagava um tanto e tirava a luz.

E... sabe como é, né? a prefeitura conhecia ele como o presidente do bairro. E não me conhecia não. Aí eu comecei a lutar. E lutar. Daí eu pedi uma audiência pro prefeito. E naquele tempo era o Dr. M. que era presidente da companhia de luz particular. E eu disse: 'dr., o sr. vai lá na prefeitura dia tal que eu vou marcar uma audiência com o prefeito.' E marquei! E eu pedia a luz pública. E eles cancelaram meu pedido, lá na portaria. Esse dr. tinha pedido pra um vereador e esse um tinha feito o pedido assim, assim. E resulta que eles cancelaram o meu pedido!... O rapaz!... o prefeito, quando soube, foi lá longe! Chamou o cara da Força e Luz: 'imediatamente bota luz lá no Parque Universitário!... nós temos que ir atrás não de vereador mas de presidente de bairro. Eu quero imediatamente os postos pra lá!' E foi de fato. Ele até colocou os poste junto com os postes da luz particular. Aquele era macho! A companhia particular veio e tirou os postes dela. E ainda queria que o povo pagasse aquilo. Daí eu cheguei ali: 'eu num falei pra vocês que num fosse atrás de fulano?... Vocês foram...' Pergunta essa história pra Vera... ela conta o que eu lutei... presidente que lutou e que teve uma bomba na mão fui eu..."

O enfrentamento às difíceis condições de vida próprias ao bairro, permite soluções de encaminhar propostas. Há um certo lugar da reflexividade deles, que considera o conjunto de qualidades (características) da sociabilidade da pessoa, como atenuante das incertas durezas cotidianas. O corpo dessa reflexividade procura retomar, dentro das duras dificuldades, os caminhos possíveis para uma sociabilidade em exercício.

Através das soluções de encaminhamento vão se firmando as características de pessoas e de grupo e vão clarificando para estes, uma sua representatividade de "Sociedade de Bairro". Sendo bastante comuns as necessidades da vida de moradores que habitam na periferia (muito comuns no que se refere a condições de infraestrutura, transporte, escola e saúde), esses moradores desdobram suas reflexões organizando-as segundo vários pontos em comum. A atualização desse conhecimento vai se construindo a partir de um conjunto de esforços e é desse conhecimento, que moradores se afirmam cidadãos da SAB.

"... que o que nós fizemos aqui num tá escrito, né Tim? São de fim de semana que eu deixei de ir ver minha mãe, e nós num viajamos e ficamos aqui, são desses tem de monte; e porque... num era pra sair pra ficar avisando da reunião que ia ter na casa do Luis... e noutra vez a gente num saía porque tinha de ir pedir material nessas cerâmica por aí (ê ganhamos material foi de montão) e noutra porque tinha que correr um abaixo-assinado nos conhecidos daqui (e... já viu, né?, eu, que trabalho de fazer unha de mulherada, conheço todo mundo). E assim foi. E essa nossa casa, que está sem acabar faz um tem pão, nem terminar o Tim num pode porque fim de semana dele tá mais por conta de Sociedade. E tudo isso desde que nós pegamos essa diretoria de Sociedade, pra mais de 5 anos nisso, já..."

D. Veneranda (Vera)

Os esforços presentificados no conhecimento de moradores que se compreendem associados em SAB, dão forma àquela forma de historiar com que se preocupa, prioritariamente, a fala desse relato. E esses esforços se efetivam, não apenas no enfrentamento às dificuldades de bairro. Eles se efetivam, também, na compreensão e trato com formas coletivas de expressar opiniões que, no decorrer de processos (aqui descritos), definirão objetivos.

Os esforços que enfrentam dificuldades de bairro se contextuam pela narrativa e caracterizam um poder de historiar que está contido nessa narrativa.

"... eu, quando eu cheguei praqui, em 71, quando eu cheguei aqui era puro mato, meu amigo.\* O senhor sabe onde é que tinha uma casa aqui? Tinha uma casa lá em cima, naquela rua mesmo, lá naquela rua que passa de assim é que tinha uma casa. Tirando isso... depois tinha uma casinha beirando essa rua ali embaixo, onde termina o quarteirão. Olha: eu sô não adquiri nada... sabe porque? porque a gente era pobre, já, e eu tinha muitos filhos; mãs você sabe: que o ano que adquiri alguma coisinha eu tinha que entrar era num lugar desses.

Agora... o que antes tinha, antes disso, ti nha era uma cerâmica lá embaixo. Você sabe hõ ra que eu saía daqui, meu amigo, pra ir trabalhar na cerâmica Palácios, aquela que tinha lá na frente da ponte, eu saía duas horas antes pra po der entrar lá na cerâmica; ê! eu trabalhava dê turfeiro..."

Seu Manoel

A medida do próprio esforço se estende e vai pautando a história compreendida do morador; as dificuldades contornadas informam, pela narrativa, características dessa reflexividade que se compreende historiada. As muitas maneiras de

enfrentamento vão compondo os marcos que sequeñciam, na compreensão da narrativa, os atos do conhecimento em processo . Tais atos de conhecimento são preñhes do sentido do enfrentamento.

A compreensão das formas coletivas de expressão desse conhecimento vai se afirmando em objetivos na medida em que trava relações com as diferentes formas da administração (ou poder) da vida da cidade; o contato de moradores do bairro com pessoas que gerenciam os setores nos quais eles se percebem carentes é um passo fundamental nessa coletivização das formas de expressão. O conhecimento de enfrentar dificuldades se extende ao conhecimento de conversar com "os home" para explicitar os objetivos contidos na própria percepção. A história de contatos com as autoridades contribui para definir um conhecimento de si e dos demais frente aos donos do poder.

"... aqui sô tinha, de casa, aquele barraco de tá bua ali; ali onde é hoje aquela casa grande; e tñ nha a casinha do Abílio, lá perto do japonês de material. E a Congregação Cristã tinha um ranchinho assim, lá embaixo. Inclusive o Abílio naquele tempo, num tinha bar, ele era corretor. Pois bem... en fim... lá no João Francisco... e nós saía daqui e ia a pé tomar o ônibus lá, que naquele tempo sô en vinha até lá. Depois o Jovenílio começou e disse: 'vamos fazer um abaixo-assinado'. Ele caçou aqui nesses mato e achou uns trinta barraco e nós fizemos abaixo-assinado, já chamando o gerente da Cam pos Eliseos. Ele veio e disse: 'manda passar feito naquelas estradas e depois eu passo um ônibus e dou uma vista'.

Quando foi no outro dia, já o ônibus subiu até cá emcima. Depois foi chegando gente. 'Ah!, o Parque Universitário já tem ônibus?' Correndo ônibus no Parque, depois foi chegando essa gente. E foi e foi... e depois o Aparecido fez aquele bar ali e pintou de amarelo e nós batizou de Bar Amarelo. E aí nós fizemos outro abaixo-assinado, que já tava correndo dois ônibus e fizemos com pedido de três ônibus... e aí a coisa foi e desembestou..."

Seu Antonio

A SAB em seus "Motivos de Bairro".

Os "motivos" da SAB são aqueles pelos quais a Associação de moradores efetivou alguns marcos que referenciam a sua historicidade. A concretização desses "motivos" em marcos de referência acontece nas sucessivas reuniões de moradores; é quando, então, os moradores se apreendem nos atos — politizados e politizantes — de expressar-se em sua 1) sociabilidade, 2) necessidade de enfrentamento às carências cotidianas, 3) possibilidade de relacionar-se com os administradores ou gerentes do poder na cidade.

Assim é que vai tomando corpo a forma associada de moradores: eles vão definindo formas coletivas de sua compreensão política da cidade que neles habita. E essa forma associada (a SAB) toma corpo na medida em que ganha poder o conhecimento de moradores politizados; o que politiza esses moradores, falando aqui em termos de SAB, é, justamente, o poder de historiar esse seu conhecimento.

"... e lhe digo: o que fez a gente se meter nessa trabalheira toda é o da necessidade da gente, né? Ô papagaio? É, pra você ver! Tudo o que hoje aí está foi pedido da gente. E nós começamos a agir... e pedimos uma escola, a primeira escolinha e que virou naquilo ali. Então, me alembro, eu fui lá, na prefeitura e disseram: "se tiverem sessenta meninos a gente abre a escola. Tem sessenta?..."

Dá a gente aqui punha na conta dos sessenta até o menino que tava pra nascer dali a seis meses, tá ouvindo?... pra mode inteirar os sessenta.

Você escute bem!... e fizeram a escola. E aí quando foi pra matricular as crianças, aí apareceu foi trezentos meninos. Brotou trezentos meninos aqui nessas redondezas. Aí num deu. E ficou quatro professoras dando estudos o dia inteiro e num deu. E nós

pedindo, e n<sup>o</sup>s pedindo, e l<sup>á</sup> vai, e l<sup>á</sup> vai... e ho-  
je t<sup>á</sup> aquilo, e ainda num d<sup>á</sup>, e o Rubens ensinand<sup>o</sup>  
os adulto, de noite, e as coisas foi entrando nos  
eichos.

Pedido de creche? e vai ver quantos meninos tem  
nessa creche a<sup>í</sup>. E tudo pedido nosso! E quem foi  
que fez isso a<sup>í</sup>? Os amigos de bairro!!

Porque o prefeito, ele dizia: 'eu num tenho tem-  
po de andar l<sup>á</sup> pros matos, caçando de que é que v<sup>o</sup>s  
c<sup>ê</sup>s precisam... tem que ter os que se interessa...'

Seu Antonio  
primeiro morador e  
primeiro presidente  
da favela

*Não* Os moradores vão se apreendendo no poder da lida. E  
essa apreensão que lhes permite aquele certo orgulho, a satis-  
fação de pessoa assumida, com poder de história sobre alguns  
de seus passos, com poder de narrativa sobre algumas das caracte-  
rísticas de seu entorno. Esse certo orgulho, esse poder de  
história e de narrativa lhes permite viabilizar-se nas conver-  
sas de boteco, nas piadas sobre políticos, nas reclamações so-  
bre administradores, nas afirmações categorizadas sobre a atua-  
ção de autoridades. Desse poder de história e de narrativa de-  
corre, em termos de comunicação ao nível do bairro, um sem n<sup>u</sup>-  
mero de casos comentados, exemplos acontecidos, compromissos  
sustentados (ou não), tramóias executadas, dificuldades supera-  
das, reuniões ou encontros conseguidos, etc.

Por a<sup>í</sup> se concretiza um tipo de historiedade que traz  
os marcos de referência pr<sup>o</sup>prios ao bairro e seus moradores.

Na concretização dos atos-de-Associados essa histórie-  
dade se perfila naquela uma "passagem" a que nos referimos: o  
conhecimento, em processo, da morada que refaz o morador se  
compromete na expressão coletiva da Associação de Moradores :

e as formas de organizar para as reivindicações traduzem um outro processo do conhecimento, se refazendo politicamente.

É fundamental ao morador-associado poder historiar-se segundo a quantidade (de todos conhecida) de realizações reivindicadas; embora nem sempre efetivadas, essas realizações permitem aquela historiedade que é um certo poder dentro do poder da ordem no bairro. A discussão com o gerente da companhia de ônibus, a conversa com os vereadores para assentar as barracas da feira livre, as sucessivas cartas oficiadas ao prefeito sobre uma escola, a visita (exigida) do diretor da Companhia de Saneamento, as sucessivas cartas oficiadas ao prefeito sobre uma escola ou sobre um terreno destinado ao prédio da SAB, uma discussão (divulgada em jornal) sobre as más condições de loteamento e de infraestrutura urbana... são algumas formas de confirmar o ato empenhado em uma história conseguida (arrancada?) dentro da vida atual. São as formas próprias de conferir um estatuto, uma legitimidade àquela historiedade.

Os "Motivos de Bairro" da SAB e a Legalidade.

Trata-se aqui, a meu ver, daqueles momentos pelos quais a SAB permite aos moradores do bairro equacionar, segundo critérios políticos, uma relação entre os motivos de bairro (suas reivindicações) e os cuidados necessários nos contatos com o poder público. Esses momentos definem politicamente a eficácia do grupo SAB e contribuem para aquela (já citada aqui) permanente redefinição do conhecimento: nesse caso, esse conhecimento se redefine a partir das adquiridas tramas (ardis) elaboradas na negociação e na barganha com o poder público.

É então que o poder-de-fala, suficiente para uma historicidade, é preenchido por esses momentos e a partir deles elabora (re-elabora) suas formas de representar a compreensão sobre sua cidadania. O "falar-de-si" do grupo de SAB vai tomando a densidade do "falar-do-bairro". A aproximação entre essas duas falas se traduz na historicidade da SAB na forma da legitimidade. Essa legitimidade tanto é emprestada do poder público, que, muitas vezes, usa dos grupos de SAB com a finalidade clientelista-eleitoreira — quanto é adquirida pelo grupo SAB que incorpora em suas formas de expressão, uma explicação sobre a cidade e sobre as autoridades que a administram. Satisfeitas ou insatisfeitas em suas reivindicações as pessoas da SAB elaboram o discurso do seu poder sobre a ordem vigente no bairro.

Tanto os logros nas reivindicações do bairro (muito lentamente conseguidos, segundo um processo "normal" de administração da cidade) como as negociações permanentemente encaminha

das aproximam o grupo SAB de seus objetivos permanentes: atuar pela melhora das condições do bairro. Do ponto de vista da expressão do grupo SAB tanto logros quanto insucessos são formas de legalizar aquela transformação de moradores em associados e em cidadãos. A importância da legalidade transparece frequentes vezes...

"aqui tinha uma Sociedade, mas o presidente daqui tinha deixado a Sociedade desleixada, certo? Então eu vim e... num tava registrada a Sociedade, então vindo de lá pra cá e... como eu tava numa Sociedade registrada, cheguei aqui com documento registrado. Esse um aí é registrado.

Então cheguei aqui, pus a ... falei com o presidente daqui, pus ele a correr. Eles num tava organizando, tinha reunião cada 3, cada 4 mês e num tinha... num tava registrada a Sociedade. Então nós peguemos e fizemos tudo certinho, peguemos pra registrar, eu já vim com a carteirinha, já tinhas. Num tinha aqui nem uma carteirinha tirada! Eu não! Aquele que queria entrar de sócio eu já pegava o nome dele, já levava lá no Jardim Yeda, fazia a carteirinha dele e entregava. E aí foi onde eu topei ele. Eudizia: 'Eh! mostra Sociedade registrada, que eu quero marcar uma reunião'. E mandava recado pra ele: 'eu quero marcar reunião com o presidente, pode falar pra ele que eu vou esperar ele, eu quero que ele vem aqui dia tal...'

Eu num queria homenagem dele, de jeito nenhum! Porque eu era de Sociedade, lá do J. Yeda e chegava no presidente de lá e dizia que ia marcar reunião. E ele dizia: 'pode chamar, pode chamar eu, você tem autoridade lá...'

É, uai, eu tava com aquela autoridade aqui no Parque Universitário, e com autoridade eu estava a cima de tudo, com esse documento aí. Aí o senhor vê documentado. E as coisas todas: o estatuto... então!... esse eu já tinha ele desde lá e eles mandou eu trazer ele pra cá. E todos os nossos diretor de lá tinha um desse aí. Aqui já não! Aqui o presidente entrava e num deu nenhum, num deu pros diretor daqui..."

Seu Manoel

A possibilidade de se incorporar características que confirmam maior legalidade aos atos da SAB vai tornando mais legítimo, para eles, o próprio conhecimento. Legítimo quer dizer (segundo me parece) expressão concorde com os estatutos e discursos da política dominante, tramando com a cabeça a ciência que essa transmutação exige. Essa legalidade aproxima os moradores dos critérios pelos quais eles compreendem a legitimidade do poder oficial; e alguns dos critérios são esses: tudo deve ser registrado, deve haver Ata numerada, as expressões da SAB devem passar pelo papel timbrado, pelo carimbo, deve haver estatuto reconhecido em cartório, as convocações serão oficiais... Essa maior legalidade dos atos de SAB aproxima os moradores a um conjunto de práticas que são pouco comuns à experiência deles. Tal aproximação significa, praticamente, 1º) ter compreendido uma certa "falta-de-acerto" nas formas corriqueiras como eles encaminham suas práticas de bairro. 2º) Ter assumido daquela legitimidade oficial, algumas formas possíveis para reorientar a própria "falta de acerto".

"... com esse estatuto de Sociedade, é preciso zelar dele, porque amanhã ou depois em qualquer lugar que chegar eu posso com ele abrir uma Sociedade, reconhecer a firma, né? Aqui tá tudo explicado: aí eu vou lá na lei, na prefeitura, vou no palácio da justiça, né? Tá tudo marcado aqui dentro; vou lá no quarto... na polícia, como é que chama? quarto distrito batalhão, é?... Tá tudo aí, sim senhor. Então... reconhecendo essa firma eu posso chegar e montar uma Sociedade, com isso aqui. O ponto é esse aí. Quando eu cheguei aqui no Parque e vi o homem que vivia dormindo no ponto, aí eu fui falar com o Adelino, presidente do Veda: 'vai lá, Manoel, ele me disse, mete os peito, nem manda consultar eu...' E aqui, no Parque, era pra pegar o estatuto da Sociedade e eu precisei correr atrás do presidente. Ele tava na cidade: eu vou lá, corro e nada. Aí eu cerquei ele, quando pensa que não eu caí em cima dele. Aí eu falei pra ele que o papel que tinha aqui tinha que receber a assinatura dele, pra ele aqui

desistir de presidente. Porque é o que eu tinha de fazer era isso: precisava de levar e mandar assinar a desistência... porque ele tinha já abandonado tudo e num ligava pros papéis.

Aí ele num queria assinar e então eu fui e falei: 'então nós vamos levar o negócio na justiça, no Dr. Alcides Gurgueira'.

Aí ele falou: 'o negócio é nós resolver tudo entre nós'. Eu falei prele: "o senhor sabe: a Sociedade num é registrada... e outra, os sócios num tem a carteirinha." E ele tava num desânimo, tinha pegado de beber, tinha aí duas, três mulher, uma aqui, outra na cidade... daí a turma toda pegou a desanimar. Porque... isso aqui é mesma coisa duma religião: aqui o sujeito tem de está com a vida em dia, tudo certo. Num pode ter problema de delegacia, aqui num pode ter nenhum problema..."

Seu Manoel

Nos momentos de crise ou tensão entre os próprios membros da SAB é muito comum que os conflitantes recorram 1º) a seu poder de narrar uma historiedade própria ao bairro e às suas lutas e 2º) a sua capacidade de entender e assumir as normas de "vida limpa" propostas pela legalidade e entendidas a partir dos contatos com o mundo político oficioso. Na disputa pela maior legitimidade (respeitabilidade institucional de "membro e diretor" da Sociedade) busca-se açambarcar os principais símbolos dessa legalidade. E busca-se também históriá-la e caracterizá-la em função da própria pessoa. Nesses momentos o morador se referencia diretamente (segundo sua interpretação prática) pelo exercício do poder tal como ele o apreendeu no trato com políticos, administradores, outras SABs, etc.

A Legalidade da SAB e suas Articulações de Poder.

A sociabilidade exercida, o poder de percepção segundo a muita experiência, o jeito de tramar tarefas que encaminham necessidades de moradores através de reivindicações de repercussão (inclusive) jurídica, a progressiva compreensão que vai permitindo esse processo de institucionalizar reuniões de moradores em atos de SAB... a partir desses eventos é que vai tomando corpo a noção de cidadania, exercida aqui através da morada e do bairro.

Essa cidadania guarda algumas características de preocupação com o oficioso: preocupação com uma certa burocracia, oficialização pelo cartório, etc. É uma cidadania tramada pela astúcia de moradores que os "legaliza" na medida em que re-caracteriza suas performances; e essa "legalização", porque é imposta, acrescenta ao conhecimento dos associados (sócios da SAB):

1º) a noção de uma certa ineficácia dos próprios costumes e conhecimentos (a tal falta de acertos);

2º) a confiança na própria capacidade de assimilar e exercer algumas características daquela regra mais oficiosa e burocrática;

3º) uma compreensão, muito própria, sobre a eficácia (ou não) da ação administrativo-política desses que são os gerentes do poder público. Tal conhecimento se manifesta, veremos mais logo, no poder de historiar-se pela fala interpretadora dos moradores transmutando-se em associados.

A preocupação com a legalidade, muito importante, sem

dúvida, dentro do poder de história da narrativa de moradores os aproxima daquela "lógica" da ação dos políticos municipais; sobre essa "lógica" oficial não nos detalharemos aqui, a não ser através daquela perspectiva pela qual os moradores a detalham. Essa perspectiva privilegia alguns aspectos:

"o Parque Universitário é dos bairros que a prefeitura mais atende; isso é porque na época eu peguei uns vereador aí, peguei muita amizade com eles. Inclusive, meu nome de presidente, o meu nome tá em tudo quanto é vila por aí; cheguei lá no Novo Campos Elíseos, uma reunião lá, o camarada falou pra mim: 'olha, seu nome tá aqui, olha... Por que? Tudo não são homens? Todos não são presidente? É... mas, sendo eu... Eu tinha tempo, né? Trabalho de noite, de dia ando por tudo quanto é lado. E você pode ver: tudo o que tem lá é pedido meu... Num vai pensar que é pedido de presidente de agora. Pode perguntar: se eles quiser falar a verdade, que fale! Luz... fui eu, a força é minha. Aquele campo de futebol, lá em cima, o pedido é meu. A creche que fizeram agora, ainda é pedido meu. Tudo pedido meu! ainda. Eu trabalho de noite, tinha o dia pra se mecher... vê se eu deixava pedido parado... Mandava a Vera (a 1a. Secretária) bater a máquina e trazia. Esse doutor esse um que passou aqui, na época ele era chefe de ensino... quantas vezes eu pedi o grupo escolar pra ele! Aqui... nesse prédio mesmo que eu trabalho de zelador eu pedia pra ele lutar pelo grupo de lá, o Cornea de Melo. E esse grupo num era pra sair ali, era pra sair naquela baixada do Ouro Verde (o bairro Vizinho). Briguei, briguei com ele até que o grupo ficou lá no Parque. Aí, quando foi um dia ele chegou e falou assim: 'acabou o grupo lá?... e você: num vai querer por o grupo dentro de sua casa?' Aí eu falei: 'não, doutor, ali tá bom... num precisa por o grupo dentro de minha casa, não!'"

Lázaro, o Alemão

"tem pessoa, morador daqui, que o senhor chama e aĩ ele vem: tudo certinho, trabalhar. Mas tem algum que num olha, num repara se ele vai ter algum impedimento pro trabalho de Sociedade. Esse um sō quer estar lã dentro e tomar o nome. Porque, o senhor sabe, na Sociedade ẽ assim: todo mundo tomã nome, se ela cresce. Basta a Sociedade ir bem... ele, em qualquer lugar que chegue... lã na prefeitura, em qualquer lugar que chegue, se apresenta de Sociedade que tã indo bem... esse tã bem. Se a Sociedade tã indo bem: tã assumindo compromisso, tã trazendo coisas pro bairro, chega o asfalto, chega o telefone pũblico, veio uma coisa, veio outra, veio luz, veio os poste, veio telefone nas casa, e veio a creche... entã... quando o fulano chega lã: 'eu vim aqui, vim trazer atestado, eu sou da Sociedade tal, Sociedade do Parque Universitário...' Aĩ todo mundo conhece: 'ah! ẽ o senhor e o presidente ẽ o fulano de tal, vamos entrar, se assente'. Que nem, quando eu tava com o Sr. Adelino, que eu, de primeiro, trabalhei lã no Veda, eu levantei a Sociedade quando vim lã do Veda, como o senhor mesmo viu aĩ, nos documentos... entã... quando eu chegava lã na prefeitura... num tem um lugar daqueles que eu num conheço, num tem lugar lã que eu num entro. Agora nã! Recente... eu num vou dizer, por causa que eu tou meio es escasso, nẽ? E pode ter gente lã que jã num lembra, num conhece e eu quase num vou mais..."

Seu Manoel

Ressaltar essa questã: a perspectiva pela qual os moradores detalham sua compreensã (estratẽgica) em funçã da "lõgica" do poder de polĩticos e administradores ẽ, nesse momento, sublinhar a importãncia da legalidade. Por essa legalidade ẽ que os associados da SAB vão regrealizando os atos de sua compreensã da cidade.

Legalizar a prõpria expressã pode significar: ter a vida "limpa", formalizar a expressã reivindicatõria da SAB, estar familiarizado com os corredores do poder pũblico a ponto de ser reconhecido "pelo home", caracterizar as atitudes de bairro (tambẽm) pelo aspecto mais formal das atas, dos carimbos, dos timbres, da escrita, etc, etc... Essa progressiva

legalização propõe uma permanente defasagem entre 1) a experiência e formação de moradores que analisam e reivindicam a partir de seu poder de habitantes... 2) a atuação dos associados que se articulam segundo a procurada eficácia de suas pressões legítimas.

Entendemos essa defasagem no sentido pelo qual as pessoas (moradores) se afirmam, se reconstruem na medida em que conhecem, na medida em que tramam a eficácia das necessárias reivindicações, na medida em que se reorganizam em função das muitas imposições dessa condição. Simultaneamente, entendemos essa defasagem no sentido pelo qual as pessoas se vêm culturalmente desconfirmadas em sua experiência anterior. Lutar pelo bairro, apreender o sistema e o jeito dos políticos e gerentes, fazer-se legalmente ouvido é atuar dentro de um jogo em cujas regras desimportam as certezas do passado (da experiência anterior).

Desde o ponto de vista da dominância (aqui não enfocada com mais vagar) essa afirmação de moradores é vazada de maiores ressonâncias, pois ela afirma aquelas muitas experiências que se transformam apenas para escapar de morrer.

A partir dessas considerações é que, muitas vezes, o encaminhamento dessa cidadania emergente sofre conotações desse tipo:

"... na época do Jovenílio (o presidente anterior), era pra ter aí uns trezentos sócio, e hoje caiu, é pra ter só uns cinquenta... e olhe lá. Você tem que pensar o seguinte: Que Sociedade de Bairro é formada quando o bairro precisa de muitas coisas, quando falta de tudo... ela é formada com essa finalidade. Agora: tudo o pessoal... tinha tanta gente assim porque todo mundo se interessava pela luz, pela água, ou telefone públic

co ou seja lá o que for. Então... ele tá vendo o melhoramento que tá chegando. Agora: a hora que ele ganhou os principal disso tudo aí, ele... por que ele vai pagar mais, pra continuar de sócio da Sociedade?

Ele num vai lá no salão jogar, ele num vai lá dançar, pra que é que ele vai pagar Sociedade? Fa-la pra mim! Então isso aí aconteceu de a turma afastar, pode ser que uma boa parte afastou em motivo de que já houve muita brigaiada e falatório... mas tem que entender que é isso aí: a turma deixou de pertencer e pagar porque já tem o que eles queria. Tudo bem... então daqui pra frente a Sociedade tem de funcionar é de baile, é dos jovens, é com isso aí. Se você põe lá um campo de bocha, um campo de malha, um dado... olha: aparece mais de trezentos sócios. Porque tendo um baile, ao menos dois por mês, o sócio paga metade pra entrar... e você vai ver que aquilo fica "assim" de sócio...".

Olavo  
Vice-Presidente, na fundação;  
Presidente 80-83

Aquela atuação — a que chamei cidadania emergente — que permite-lhes reorganizar o conhecimento e a visão de mundo em função da almejada "legalidade", vai sendo incorporada à historicidade das elaborações populares; o sucesso progressivo das lentas conquistas para o bairro se incorpora, também, confirmando tanto aquela confiança que moradores têm em sua capacidade, como a deseficácia (superada pela readaptação) da própria experiência anterior (sitiantes).

Dependente do poder dos administradores da cidade, a SAB se autonomiza na medida em que assimila e re-elabora alguns critérios fundamentais para que sua reivindicação seja ouvida da forma a mais eficaz possível.

E a historicidade (a que, muitas vezes, nos referimos) que é composta a partir desse conjunto de atos coletivos dos associados, se faz concretamente evidenciada tanto nas reali-

zações conquistadas pelas reivindicações, como na narrativa (a fala) dos moradores atuantes. Nas realizações conquistadas, a história se confunde, se mescla à história do poder oficial: a creche, o campo de futebol, o posto de saúde, o grupo escolar, a sede do clube de mulheres, a própria sede da SAB... e outras conquistas de moradores de SAB recebem o nome de alguma ilustre e desconhecida pessoa... e serão declaradas "realização do governo de fulano de tal", com discurso, convidados oficiais, inauguração por políticos, etc, etc... Essa mescla de diferentes explicações sobre as reivindicações conquistadas vai transformando, nesse nível de melhorias do bairro, antigas reivindicações (lentamente encaminhadas) em aclamadas "realizações" (prontamente conseguidas) pela administração do Sr. Fulano de tal.

A dependência frente aos padrões da legalidade imposta (e recriada ?) parece colocar essa questão da Recriação Epistemolôgica num plano "escondido"; talvez o plano das coisas percebidas, conhecidas e indigeridas...

"Eu... eu fui na reunião deles, lá, aquela daquela moça... mas eu confesso que eu fiquei decepçio-  
nada com... eu achei que aquilo num é reunião as  
sim de pessoas que pretendem ser de Sociedade Ami  
gos do Bairro. Começou falando aquele um... aquele  
senhor ali dos barracos da prefeitura. E já dizen  
do que a prefeitura nunca que fez coisa nenhuma por  
esse lugar aqui, porque isso tudo é clandestino e  
que temos que lutar pelo que é nosso pra depois exi  
gir da prefeitura... E foi aí que comecei a decepçio-  
nar. Ora, meu Deus, que assunto é esse pra tratar  
assim, desse jeito, numa reunião de 200 pessoas?  
Pessoas que a gente convidou e que veio assim naque  
la consideração... tem que ter aquela psicologia...  
eu fiquei decepcionada. Ora, quem é que vai ter a-  
quela confiança na pessoa pra uma Sociedade de Bair  
ro, sendo que essa pessoa já começa declarado as  
sim... Pois se a prefeitura não faz nada pelo bair

no então porque tantas vezes temos ido lá? Puxa, a pessoa perde o ânimo...

Depois veio e falou aquela moça e já xingando... que o PDS é isso, que o PDS é aquilo, que es se prefeito PDS é isso e aquilo..... como é que os morador de bairro pode ter aque la confiança nessas pessoas que já, de início, fala assim nesse desbragado xingado?

Eu não sou nada, eu não sei se tive pouco es tudo ou se tive muito estudo, mas isso eu não fã ço assim... eu entendo que é preciso aquela psí-cologia pra tratar pessoas... Se veio aqui o PT, eu recebo o moço: "não... deixa que vou fazer al gum zelo por você aqui, alguma coisinha sempre a gente ajuda..." e ele saiu contente: "meu dia rendeu". E veio o Ailton (PMDB) e conversamos, e prometi (promessa de político, você entende), prometi dizer ã umas palavrinhas minhas pras mu lheres que eu tenho contato, e foi esse um outro que saiu contente.

E assim, se vier o PDS vai ser igual, eu num vou dizer nem desdizer, nem desse nem daquele... Eu até brinquei com o meu marido, disse que eu vou colocar na sala o PMDB, no quarto colocar o PT, na cozinha vou colocar o PDS e encher de ca ras... e ele foi e falou: "e eu, onde é que eu fico?"

E depois, quase no final da reunião, passou lã um carro desses de prapaganda, gritando o nome do Magalhães. O rapaz tinha colocado acho que uma gravação e dizia, no falante: Magalhães vai tra zer escolas... Magalhães vai trazer creches... e ela já se virou pra janela e pôs as mãos na cin tura, assim e já (Deus me perdoe a mã palavra), já saiu que nem favelado, que nem meretrícia, gritando: "que Magalhães, que o quê... ele teve 3 anos lã de prefeitura e nunca se lembrou de fazer um nada pra nosso bairro... e é agora que vem com promessa?"

E fez aquele auê, lã na frente das pessoas to das. Ora, que acha você... isso assusta qualquer um... mesmo um que num tivesse sabendo de tudo isso já... até esse um se assustava com esse de sequilíbrio... por isso, eu acho, de meu entend mento, que havia de ter mais uma assim sizudez... que Sociedade de Bairro é coisa de gente séria, assim de responsabilizar no bairro e num é ape nas de política...

Dona C.  
(ela pediu o anonimato)

No nível da fala e da interpretação popular, a história das conquistas reivindicadas permanece contada como um descobrimento da ação interpretada; o fio da meada dessa narrativa incorpora a pessoa que fala um conjunto de ações e repercussões sociais explicadoras do progresso do bairro. Esse nível de historicidade permanece mais atado ao poder de fala da compreensão individual: é o plano da afirmação de moradores que se explicitam confirmando sua capacidade de perceber e fazer tramas com o poder dos administradores da cidade. Impedido de se confirmar na sua amplitude social (o bairro não vai sendo nunca o lugar erigido a partir da urgência deles) esse poder de narrativa historiante reelabora o conhecimento objetivado pelo entorno e tece comentários sobre o conhecimento que as regras urbanas (a legalidade) impuseram à subjetividade política do morador. Fundamentalmente é a transformação do conhecedor que se narra no processo: de migrante para morador, morador para associado em SAB, associado para cidadão. A história institucional de uma SAB, cujo conhecimento o bairro edificado testemunha, se perde, muitas vezes, dentro do despoer que os moradores têm sobre suas reais necessidades e carências. O mesmo poder relativo que os atos de SAB têm: que é tanto mais legal quanto mais tramado for à sombra do poder "dos home"... é também o poder relativo dos cidadãos em ato de se confirmar cidadãos a despeito de si, de sua condição e de sua memória.

"... aqui, muita luta eu enterrei aqui. Aqui eu comecei foi como fiscal, como terceiro fiscal, quarto e quinto fiscal. Só num passei a primeiro foi porque eu num tenho leitura pra ser mais...

Veio carta pra mim aqui, da nossa sessão trabalhista, pra o mais velho assumir de presidente. Mas eu, não! Eu escolhi aí um dos meus, gente de confiança e entreguei pra ele, amigo e assumi de fiscal. Terceiro fiscal porque pra primeiro eu nem leitura tenho..."

Seu Antonio

1. Na Escola da Vida...
2. Como era a Educação no tempo Antigo?
3. O Sentido dos Momentos de Aprender.
4. E Como é a Educação dos Tempos de Hoje???
5. Os Momentos do Sentido de Aprender.
6. Os Temas Geradores?

Como é que uma pessoa se percebe aprendendo na "escola da vida"? Como é que uma pessoa se percebe naquele processo de aprendizado pela gramática da vida? Esse seria um "tema permanente" desse contamento.

Esse nosso relato, iniciado com migrantes que edificam e seqüenciado pelos construtores que "cidadanizam" algumas de suas atitudes, continua. Continua agora e tem a preocupação com o educar vivenciado pelas pessoas em transformação. Todos os momentos — todos — são contados como ocasião de educar-se (ou reeducar-se).

Seguir (de perto) as pegadas dessa episteme é cumprir, em parte, com o papel da fala; é esmiuçar pela narrativa, o conjunto desses atos de conhecimento.

Esse momento do relato vai refletir em torno daquela aprendizagem que decorre da escolaridade; e quando dizemos escolaridade (ou escolarização) estamos aqui nos referindo àquela situação na qual uma série de conhecimentos são manuseados a partir das condições oferecidas por uma sala de aula. Os adultos de cujo relato caracterizaremos melhor essa escolaridade, participaram em uma experiência de alfabetização.

Inicialmente estava supondo a possibilidade de que um grupo de adultos possa manusear seu conhecimento através desse processo de "estar em alfabetização"; segundo essa suposição, haveria a possibilidade de repensar, pelas condições da escolaridade, aquilo que vai sendo aprendido no cotidiano. E me reporto a grupos de mais ou menos trinta pessoas, frequentando a escola em todas as noites da semana, o ano todo.

As pessoas poderiam, através do processo escolar, pensar seu próprio processo de estar em aprendizado permanente : disso se fala aqui, nesse momento do relato.

A medida em que for explicitando as fases concretas do acontecido vou citando e situando várias colocações dessas pessoas-participantes; são depoimentos acontecidos dentro de sala de aula, são expressões do vivido exprimidas através das condições da alfabetização, são redações escolares, são apontamentos redigidos a partir de conversas ou de discussões, são gravações sobre a percepção que se tinha do processo, etc. etc. Tais expressões e depoimentos colaboraram para elucidar e avaliar permanentemente aquela suposição, atrás esboçada.

Ao mesmo tempo em que caracterizam aquele processo de alfabetização, tais depoimentos compuseram um fio da meada pelo qual se efetivou uma proposta educativa. Compreender essa proposta e compreender o estudo deles era também compreender a significação da escolaridade dentro da vida dessas pessoas; essa tentativa de compreensão se amplia na medida em que estudar envolve conhecimentos trabalhados pela inteireza da vida das pessoas.

Tentamos compreender, e, então, discutir refletidamente, as relações de significação entre: 1) o esforço pelo estudo e 2) os demais esforços cotidianos que dinamizam as várias práticas sociais. Essas práticas vão sendo envolvidas e repensadas no exercício de "tomar poder" sobre: a língua escrita, o pensamento codificado na grafia, os números enovelados nas operações, os segredos pelos quais a "idéia desacostumada" se apropria das regras elementares da matemática, etc. Esses são alguns instrumentos que são estranhos àquela gente no que se refere ao manuseio e à familiaridade que a escolarização permite: as pessoas

passaram, na vida do sítio, por poucos anos de escola. E esse pouco tempo de escola prontamente se adaptou às prioridades da panha, da colheita, da sementeira, etc.

Por sua conta, as pessoas desenvolveram as suas formas práticas de desenvolver contas e operações; elaboraram suas formas de regularizar a expressão do pensamento, tramaram artimanhas de cálculo e comunicação. Através dessas elaborações as pessoas estabeleceram formas culturais que lhes permitiu "se virar" a partir das condições de uma sua (deles) gramaticidade.

Essa elaboração cultural migrou, veio junto com as pessoas que migraram para centros urbano-industriais. Algumas características muito próprias a ela pudemos observar: a codificação interpretante do mundo se dá através de expressões mais orais que escritas, as contas são processadas mais na cabeça (nas referências) e menos feitas no papel e lápis, as interpretações da realidade fazem combinações de sentidos que dispensam o recurso frequente à linguagem grafada, essas interpretações encontram alternativas àquele "poder de leitura" ... etc...

Nessa tentativa de desenvolver um processo de alfabetização a tentativa era familiarizar as pessoas com a gramaticidade da escola (contas, números, regras das operações matemáticas, elaboração escrita, etc) e era, também, fazer com que esse esforço (escolarização) se desenvolvesse levando em conta a experiência gramatical da população envolvida.

Levar em conta a experiência de vida das pessoas me levou a encontrar variadas expectativas sobre o ato de

alfabetizar-se: por um lado há certos ambientes de vida dessas pessoas que exigem delas ler e escrever com certa facilidade, efetuar algumas elementares operações matemáticas, etc.; muitas firmas exigem isso dos empregados desde os testes de seleção. Nesses casos, mesmo tendo eles o acesso a uma gramática de própria, eles são inferiorizados pelo não domínio da gramática escolarizada. Por outro lado há pessoas que se afirmam sobre a fluidez de sua expressão cultural, desimportando daquela experiência gramatical que lhes permitiria "subir na vida" através de manusear o estudo.

E era importante que essas pessoas pudessem perceber-se em processo de transição: as artimanhas da sua gramaticidade (não escolarizada) foram tomando poder paralelo à gramática dos livros. Sua experiência cultural foi tomando contato com outras formas de expressão de mundo: e as pessoas vão tendo alguma clareza de percepção sobre os passos dados nessa caminhada de reformular seus registros culturais.

Era também importante que ficassem claros quais foram sendo os motivos pelos quais coexistem diferentes registros de percepção e expressão de mundo; que ficassem claras as razões pelas quais as pessoas consideravam importante alfabetizar-se e, assim, tentavam "reassumir" suas expressões dentro de um outro processo gramatical: o escolarizado.

As dificuldades encontradas, os passos encaminhantes — descritos aqui, pormenorizadamente segundo um processo vivido por quatro grupos, de aproximadamente trinta pessoas — buscaram mostrar uma passagem, justamente. Passagem (ou transição) entre duas expressões gramaticais.

Esse processo de alfabetização iniciou-se em 1979 e se estendeu até 1982, no mesmo bairro que no qual veio sendo do gestado esse relato.

Na Escola da Vida...

"... minha mãe, meu pai e meus avós era tudo muito devoto, sabe? E eles pelearam pra eu aprender, pelearam muitas rezas que eles sabiam. Pônhava nos ajoelhado lá e...; chegava de noite: 'anda, meninos! e amanhã eu quero saber de tal reza assim e assim...'

Ah? Meu Deus do céu e minha cabeça num dava. Chegava no noutro dia: 'e como é que é...?'

Ah! Meu pai, eu firmei a cabeça mas num saiu... Aí meu pai e meu avô foi e me deu a cartilha. E eu lia, lia de cor, a cartilha, né? Lia baseado no que eu escutava de meus irmãos. Aí... quando meu avô me viu naquilo, naquela dificuldade... aí ele foi e disse: 'essa aí num tem jeito, não. Essa aí é só o poder de Deus que ela vai ter. Se ela for uma menina devota, se ela seguir o caminho certo... essa aí é só o poder de Deus que ela vai ter, que vai ensinar ela.'

E dito e feito. E aprender a ler eu num aprendi... E olha que ele ensinou nós foi muito tempo! De jeito nenhum!

Meu irmão ainda que aprendeu um pouco das leituras. Mas eu? Eu vim aprender uma Salve-Rainha foi agora, depois de velha.

Mas eu vou te falar: meu pai era um homem muito católico... e meu avô era homem de num sair de Igreja. Eles ensinou... e eles e minhas tias me levava nas missa, desde pequeninha eu ia. E chegava lá e gostava. Todo domingo: de começo ao fim. E eu gostava, viu!

Mas aprender a rezar que nem nos livro?!? Isso num teve poder que poder tivesse. Num aprendi. Meu avô, eu alembro! Ele rezava cada reza bonita, rezava terço toda semana. E hoje eu rezo Padre Nosso... mas eu rezo da forma que eu sei."

Dona Ana, senhora de muita vivência, não aceitou nunca participar do processo de alfabetização: "burro velho num aprende a marchar... papagaio velho num aprende a falar..." Mas ela acompanhou com atenção a escolarização de seus filhos, gen

ros e netos que estiveram na escola. Anotei algumas de suas muitas observações durante as discussões grupais da escola. Ela ajudou a encaminhar essa reflexão.

Ela é uma das pessoas com quem tentamos compreender o modo pelo qual a vivência veio relacionando: às práticas de vida a experiência apreendida. Há uma didática que reúne esses dois momentos: é a didática que é responsável pelas elaborações da cultura dela.

Quando essas pessoas narram sua aprendizagem (sua didática sendo exercitada, portanto) a narrativa compõe uma maneira de compor história e, nessa história, está a força do aprendido. O "como" se aprendeu está inserido no ato narrativo pelo qual se enunciou o sentido de aprender.

A imensa credibilidade que D. Ana recebe da população do bairro tem a ver com essa capacidade de narrativa; tanto o seu corpo, de longos anos de aprendizado, como sua narrativa, têm o forte poder de explicitar a sua (dela) maneira de interpretar a vida. Os seus pontos de apoio para expressar critérios de análise partem "do antigo"; trata-se daquilo que antes existia e que, para vários idosos do bairro, consiste nos costumes "do povo do antigo século".

E esses tais costumes elaboraram uma "marca didática" própria àquela experiência cultural; essa "marca" explicita uma relação entre o que se sabe e o como se aprendeu. Evidentemente que essa relação, ao ser explicitada, traz a influência do modo de vida atual: é desde o presente que a pessoa sente-se chamada a "saber como uma vez já pôde saber".

Tomando, esse ponto de partida: todo o co-

nhecimento nos remete a uma existida maneira de apropriar-se do SABER.

"... do que você me perguntou: de que é que vale, hoje em dia, ter essa memória... E você pensando que eu tenho cabeça boa!... Eu num sei... eu falo pros meus filhos que o estudo deles é um estudo atrasado. Pra eles parece que é adiantado... Eu num sei nada! Eu conheço muito pouco. Sô o que eu conheço é dinheiro. Dinheiro num precisa de pensar duas vezes que eu conheço na primeira. Mas... o estudo deles é atrasado porque precisa de ter fê em Deus. Porque: precisa estudar... tendo fê em Deus! Hoje em dia, você pode ver, num tem uma pessoa pra chegar e conversar com você assim, como a gente tá assim, conversando. Você viu, a menina, chegou aqui, e num tem uma atitude. Já eu... de menina, desde pequena que eu tive atenção. Chegasse você na casa de minha mãe... e eu fui a filha única!... no meio de muitos irmão homem, nós era nove e sô eu de mulher. Chegava uma pessoa de fora e eu era aquele ratinho, eu fazia café e dava... eu fazia café e servia... e hospedava que nem se fosse uma mulher. E eu ficava sozinha em casa, sô com os irmãos. E podia chegar quem fosse e eu hospedava como estou lhe hospedando agora. E eu achava tempo de conversar, tinha assunto, ali eu arrancava uma batata e já fazia uma qualquer coisa, um bolinho que fosse. Trepava num banquinho, heim! de tão grande que eu era! Precisava de trepar em um banquinho."

A situação em que hoje vive a D. Ana vai lhe permitindo repensar as antigas atitudes de conhecimento; e é pela inteligência do presente que ela vai explicitando a validade de sua maneira didática que relacionou vida e conhecimentos.

A partir dessas noções de D. Ana, nossa reflexão encaminhou-se para a noção de mais pessoas (alunos de alfabetização) no sentido de entender esses antigos critérios, essa didática antiga. Iniciamos uma forma de estudo (pesquisa, como diziam eles) que nos facilitasse a todos compreender, como está sendo entendido, no uso epistemológico atual, aquilo que

foi aprendido na antiga regra. Estivemos estudando e discutindo como é que as condições de vida atual permitem um re-conhecimento a partir daquela experiência, retomada.

= E esse foi um certo "ponto de partida" que procurava facilitar o acesso à leitura e grafia e contas... Aí gastamos algum tempo recolhendo e retomando a educação do tempo antigo.

## Como Era a Educação no Tempo Antigo?

"a educação no tempo antigo era respeitar as pessoa mais velha; o seu Zê deu atenção pros filho ensinando o trabalho, e seu Agenor deu educação ensinando pra filho o estudo, e D. Dirce dava educação ensinando as filha não namorar..."

Sidnei

"Minha vó disse que a educação de primeiro era muito bonita porque os pai ensinava como respeitar os mais velho; e as criança num falava bom dia, que nem hoje faz, os pai obrigava a tomar benção dos adulto. E as criança tinha as pessoa como parente..."

José Anselmo

"antigamente, se a gente apanhasse uma coisa do vizinho o pai fazia levar debaixo de taca; o pai mandava em algum lugar tinha que ir, nem que fosse longe, num tinha distância medida, tinha de ir. E se não fosse... ele tinha de apanhar e ir assim mesmo. Os pai conversando... os filho num entrava pela conversa no meio, nem desmentia. Porque os pai era severo. E no tempo antigo num tinha tamanho nem idade: pra corrigir, desde que ele fosse filho, o pai corrigia como fosse preciso, semelhante a uma criança."

Messias

"Meu pai aprendeu do pai dele foi sō o trabalho na roça; aprendeu a trabalhar e educar os filho, aprendeu a cuidar bem dos animais, das lavoura e das pessoa também. Do meu pai eu recebi o trabalho, o estudo, o asseio, a honestidade, aprendi a tratar os mais velho por senhor e senhora..."

Zenildo

Essa "educação do tempo antigo", marca uma estreita relação entre 1º) o que foi aprendido e 2º) o como se aprendeu, pelo uso, esse aprendido. A imediata relação entre o dito e o feito, a mútua confirmação entre momento prático e momento (teó

rico?) de pensar são características daquele conhecimento.

E esse entendimento sobre o antigamente se explicita pela certeza de que "havia mais educação". Aquela proximidade que relacionava "coisas feitas" de "coisas aprendidas" é uma proximidade que guarda, na memória de hoje, a validade do aprendido. O que se aprendeu era "de educação" porque 1º) era o que pais e avós faziam e tinham por certo e 2º) era de uma eficácia pedagógica confirmada pela regra de todos, quase que a todo momento.

A memória atual, estabelecendo sentidos de educação para a pressentida necessidade de escolarizar-se, atribui um valor de uso-bem-sucedido àquele aprendido; essa atribuição vai definindo sentidos sociais presentes àquele aprendido. Essas atribuições esclarecem para as pessoas um entendimento sobre o antigo a partir de algum desentendimento sobre o presente. Ou seja, havia mais educação no tempo antigo é uma das maneiras de entender que há menos educação no tempo atual; as consequências do desentendimento sobre o tempo de hoje vão logrando sínteses que compreendem o tempo antigo. E vice-versa: a capacidade de ajuizar as "pessoas de educação" do tempo antigo, também pode ajuizar as condições de vida atual.

Afirma-se, hoje, a memória viva e em trabalho de apreender-se; afirma-se sobre o tempo antigo, o valor e os critérios que estão sendo repensados agora. É desse poder de afirmar e criterizar que vai sendo erigido o sentido do aprendizado de hoje.

0

SENTIDO

DOS

MOMENTOS

DE

APRENDER

Os sentidos que a educação escolar tem na vida das pessoas são aqueles que reconduzem adultos e trabalhadores aos bancos da escolaridade. São esforços, sobreposição ao trabalho na firma, a partir dos quais as pessoas se compreendem na necessidade de manusear "essas coisas de escola". Pelos desafios e dificuldades de hoje, a memória repensa o aprendizado antigo e as pessoas vão compreendendo suas posições e seus critérios (sendo repensados).

Há momentos difíceis nessa escolarização. Parece haver uma "inadequação" nessas pessoas: elas são insuficientemente formadas e estudar lhes exige um talento que parece inacessível àqueles cuja cabeça parece "desacostumada de conta".

"eu sou uma pessoa que está estudando ainda a quarta série, e isso parece Mobra, porque não posso estudar de dia. O Mobra é muito fraco, não é como os outros estudos, é diferente paca. Eles não esforça a gente como nas outras escolas, não tem diretoria. Agora! Eu num gosto que outra pessoa leia o que eu escrevo, porque eu escrevo com muita falta de letras e quase ninguém entende, sabe? Pra dizer a verdade, eu sou muito atrasada, porque eu fiquei 3 anos no primário, porque era na roça. Lá era muito difícil escolas boas e professores. As coisas lá são diferentes daqui, nós vimos da roça todos atrasados, eu tinha doze anos na segunda série primária, depois eu passei para a terceira e fiquei mais um ano sem estudar. Quando eu voltei a estudar eu não tinha outro jeito a não ser o Mobra. Eu tenho vergonha... mas o que eu posso fazer? Eu preciso do estudo porque sem ele nós não somos nada, as coisas ficou muito difícil pra nós pobre. Tem pessoas que tira sarro de mim, de minha irmã e por isso que sempre eu minto que estudamos sexta e sétima série. Mas quando a pessoa fica perguntando aí nós contamos mas a mãe não acredita, então tudo fica por issomesmo..."

M. Izabel

As ocupações dessas pessoas vão exigindo delas tanto o aprendizado braçal (para a firma) como o aprendizado escolar. Tanto a escola como o serviço parecem não exigir do aluno aquelas capacidades nas quais ele aprendeu a aprender: por isso nos referíamos a uma "inadequação". Dentre as ocupações de agora, por eles descrita na seqüência daqui, a relação didática entre o dito e o feito vai sendo retomada... e assim se atualiza...

O lugar de encontro entre a educação do tempo antigo e a aptidão exigida pelo tempo atual vai sendo descrito e assumido por essa "inadequação"; o sentido dado aos momentos de apreender o próprio ato epistemológico vai encaminhando aquela "inadequação": e trabalhar e estudar vão sendo amarrados pela prática reflexiva da escolarização. Mas essa amarração, que foi uma opção desse processo de alfabetização, são muito lentamente é que retomava e repensava o aprendizado (mais firme, mais certo!) do serviço, do trabalho...

Houve difíceis momentos nos quais nos tocava enfrentar a questão: é "de educação" a reflexão sobre o próprio trabalho (atual)???

Pois é no momento atual que eles se percebem aprendendo a própria "inadequação".

*"meu pai chegou em Campinas em julho de 79, trabalhou numa firma pela primeira vez e o serviço dele era lavar peça de automóvel. Agora ele trabalha no Sesi e faz de tudo um pouco: fachineiro, pintor, varredor, roupeiro, etc.*

*Eu cheguei em Campinas e trabalhei pela primeira vez na Guardinha; lá eu aprendi de datilógrafo e muitas coisas importantes. Depois eu fui para a firma que se chama Sanasa e eu entrei na Sanasa*

dia 12 de janeiro de 80; a minha seção chamava contabilidade, trabalhei um mês de substituto até aprender de um tudo. Agora eu estou no almoxarifado, o meu serviço é entregar materiais e atender telefone..."

Edson

"em 78 eu trabalhava em um barracão de caixa de uva, em Louveira. Nesse barracão eu fazia caixa de uva, carregava caminhão e também fazia entrega junto com o caminhão. E agora eu estou trabalhando em uma lanchonete aqui em Campinas, na prefeitura nova. Lá eu faço entrega e faxina."

João Francisco

"eu cheguei aqui em Campinas em 77 e comecei a trabalhar em casa de família, agora eu trabalho no supermercado Eldorado. Minha profissão é pacote, eu aprendi lá mesmo. Quando eu trabalhava em casa de família eu aprendi na minha família mesmo e também na casa da patroa. Lá eu fiquei de março de 77 até outubro de 77; depois fui pro Eldorado."

Lourdes

"eu cheguei aqui em Campinas em 77, comecei na fábrica de sapato, minha profissão lá era pranchamento de sapato. Tive que aprender lá mesmo. Em 78 trabalhei de doméstica, que é uma coisa que já sabia de casa. Agora trabalho na loja Securit, o que eu aprendi foi lá mesmo."

M. de Fátima

"eu era servente de pedreiro em 74; era ajudante de pedreiro e encanador em 75; era meio oficial de encanador e de eletricitista em 77; era ajudante de mecânico de 77 até 78; era meio oficial de mecânico de outubro de 78 a maio de 80 e até hoje sou ajudante de mecânico de máquinas pesadas. O meu pai foi que arrumou pra mim, ele era encanador eletricitista e depois que foi acidentado ficou chefe do almoxarifado e guarda."

Edson Antônio

"o serviço que eu entrei em Campinas foi ajudante de mecânico; depois que eu trabalhei um ano eu passei pra mecânico geral. Esse serviço foi na Mercedes, lá eu trabalhei mais de ano, depois eu pedi a conta porque o ganho era muito pouco, tinha que pagar quatro condução por dia. Depois que sai eu tive na Pirelli, lá eu trabalhei de ajudante de máquinas gerais; eu gostei muito porque lá eu ganhava muito bem. Era muito o trabalho e muito importante pra todo mundo, muito mais animado.

Meu pai quando passou pra Campinas ele começou na Clark de motorista; lá ele trabalhou dois anos muito bem, deu pra levar a vida. Depois ele saiu de lá porque era muito duro o serviço, porque ele trabalhava dia e noite, então era muito duro e ele já muito velho pra isso tudo. Ele depois entrou na fábrica de macarrão, trabalhava de jardineiro e ele trabalhava muito tranquilo, o salário era muito mais melhor."

Geraldo

"bom, antes eu comecei a trabalhar na roça, com meus pais eu aprendi o serviço todo de lavoura. Lógico, depois eu fui subindo de cargo. Depois disso eu passei pra tratorista e achava que tratorista era melhor, trabalhava mais tranquilo... Lógico, sempre pensando no futuro pra frente, porque a vida na roça é outra coisa, aqui na cidade eles só pensa em estudar, eles num pensa que o que eles come é da roça..."

Gilberto

O sentido dos momentos de aprender contido na prática educadora do grupo, encaminhou nossa opção e nossa reflexão para algumas "decorrências" daquela marca didática própria àquelas pessoas. E perseguimos, nas circunstâncias educadoras de hoje, a transformação sofrida por essa didática (a que apelidamos: o dito e o feito). E, também, o nosso caminho educador procurou trazer acendida na memória do grupo essa transformação da memória se aprendendo em um tempo de cidade industrial.

RELAÇÕES DAS PROFISSÕES PRATICADAS PELOS ALUNOS:

HOMENS

Servente de Pedreiro  
Segurança ou Vigilante  
Porteiro  
Olaria  
Lavrador  
Operário  
Estoquista  
Limpeza  
Eletricista  
Marcineiro  
Ajudante  
Lenhador  
Operador de Máquina  
Carapina  
Aposentado  
Oficina  
Vidraceiro  
Furador de Poço

MULHERES

Doméstica  
Faxineira  
Limpeza  
Babá  
Balconista  
Empacotadora

Obs.: Profissões dos alunos de Alfabetização.

## E Como é a Educação do Tempo de Hoje?

"disse minha vó (ela foi consultada, sobre essa questão) que a educação de hoje é muito diferente que antigamente: porque as criança de antes era mais educada que hoje, agora nem todas são; as pessoa, de primeiro, recebia educação com mais consideração; agora... eles recebe aí com forma de brincadeira, nem todos sabe que isso serve muito, tanto agora como antes..."

Neide Aparecida

"porque os pai sempre, hoje em dia, eles cria o filho que nem a terra cria batata. As criança de hoje num respeita nem os pai... que dirã aos outros? Hoje as pessoa recebe educação através de ler e escrever e estudar; recebe educação através do estudo e do movimento em trabalhar; e recebe também através de pessoas de mais capacidade..."

José Anselmo

"hoje as criança entra no meio das conversa de pai e mãe, e já desmentindo. E manda nos pai... e o pai manda fazer um serviço e o serviço num sai... e tem criança que quebra o pau e num faz. Naquele tempo antigo não precisava os pai da criança falar... só olhava pra ele e o filho já sabia o que a mãe e o pai tava dizendo..."

Messias

"a educação de hoje é muito mais difícil porque ninguém mais tem amor a ninguém, é bem poucos. As pessoas de hoje recebe educação que pai dá pra filho, eles recebe com ignorância e a educação é bem pouca. Mas a educação que o meu pai me deu eu tenho sempre comigo..."

Benício

As relações entre as pessoas, relações entre a família, parecem acentuar que houve alteração nos costumes cotidianos. Tais alterações nos hábitos vieram alterar aquela relação de aprendizado que unia o dito ao feito. O poder de aprender parece que decresceu na medida em que tais pessoas já não fazem muita coisa tal como foi antes; o que se manteve, até certo ponto, é o que se pode dizer. E, de toda forma, a relação de aprendizado entre o fazer e o dizer sofre mudanças na vida de agora. O poder de aprendizado de agora sofre alterações a partir de certas "inadequações" muito típicas "da educação de hoje".

E quase nenhum deles se referia ao próprio serviço como "educação do tempo de hoje".

Parece haver uma defasagem entre 1) ser educado pela antiga regra, na medida em que se podia praticar o conhecido e 2) tornar-se apto para enfrentar o cotidiano da cidade (Campinas) dentro do qual cada aprendizado é, simultaneamente, uma conquista e uma defesa. Uma conquista... porque se aprende a trabalhar é no serviço mesmo; uma defesa... porque existe a hipótese de um proceder "mal-educado", inadequado.

*"hoje num existe mais educação como antigamente e sim um bate papo entre pai e filho; tem filhos que são bem orientados em casa, sabe o que deve e o que num deve fazer. E os pai educa naquilo que eles foi educado. Mas tem muitos pai que acha que pondo no mundo já fez bastante. Amanhã... se o filho se tornar marginal, enfim foi essa a educação que o mundo da vida lhe deu."*

Marco Antonio

Existe menos poder sobre a capacidade didática que se apreende no dia-a-dia do trabalho e das relações interpessoais e esse menos poder confirma um conjunto de critérios atualizados na memória.

Regressar aos bancos da escola parece conferir ao estudante uma maior arma de "subir na vida": com o estudo, a pessoa se defende melhor. Entregar-se ao esforço de estudo tem, por vezes, o sentido de apoderar-se de uma arma que qualifica o portador para a luta cotidiana. Nesse sentido, principalmente, a escola é tida como muito importante; ela ajuda a "subir na vida".

Nesse sentido, a escolaridade confere às pessoas o poder de uma "nova" leitura sobre a realidade: a pessoa que "tem leitura" parece dominar uma arma típica desse meio ambiente no qual as pessoas são menos educadas. E esse tempo da memória de hoje vai traçando metas...

*"no ano que vem eu vou seguir estudo, vou fazer a 5a. série se eu passar aqui na escola. O estudo me deixa alegria e o entendimento e a sabedoria; a pessoa estando sem estudo num sabe ler nem escrever e num acha emprego em lugar nenhum. No ano que vem eu quero trabalhar em lugar melhor, pra ganhar mais dinheiro. Uma pessoa sem o trabalho pode ser um ladrão, um maloqueiro; no ano que vem eu quero ser um jovem civilizado, quero ter uma namorada e até uma noiva."*

Edson

"se eu passar de ano aqui na escola, eu vou ver se entro numa escola melhor, para estudar o supletivo; depois fazer o colegial para depois eu pegar um emprego melhor. Ou então eu vou fazer um curso profissionalizante para trabalhar numa oficina mecânica, porque é a minha profissão preferida. Porque o serviço que a gente está nele não é muito bom, mas dá pra ir quebrando o galho até a gente pegar uma profissão melhor."

Ademir

Essa educação (escolaridade) do tempo de hoje que lhes permite uma "nova" leitura sobre suas capacidades nessa circunstância de agora coloca o estudo na orientação muito direta de "melhorar de vida". E essa orientação convive com vários planos da vida da pessoa.

E acontecem simultâneos esses dois movimentos que aqui relato: 1) por um lado o senso de estar "inadequado" à escolaridade que obedece a uma gramática muito distanciada daquela na qual "o dito e o feito" consistiam a episteme que trabalhava o mundo... 2) por outro lado a necessidade do estudo como canal de ascensão. Dominar a escrita e familiarizar-se com a escolaridade é assumir a insuficiência dos antigos parâmetros e, desse modo, abraçar a necessária direção de melhorar de emprego, e salário, etc. E a memória das pessoas se atualiza nessa promessa de subir na vida; mesmo quando se constata (e isso acontece com muita frequência) que o estudo não é mais possível porque o aluno precisa fazer turno, ou fazer hora extra, ou pegar um servicinho a mais...

A promessa pode ser adiada, antes de ser uma realização concreta e permanente. Todos os eventos do cotidiano que envolvem orçamento, todos os eventos que envolvem saúde ou se

gurança pessoal são prioritários em relação ao esforço de estudar. Tudo o que se aprende no serviço parece ser mais direto e mais lucrativo do que a matemática ou a escrita. E isso nos remeteu, em pensando a educação do tempo atual, à questão dos momentos em que aprender é útil, é imprescindível: é quando o aprendizado se faz pensado e orientado para as elaborações que a memória concretiza no seu repensar-se. Segundo tais elaborações é que vão sendo estabelecidas prioridades para o esforço recriador das práticas de conhecimento; a partir dessas elaborações, também, são encaminhadas "sínteses" nas quais se explicitam as formas deles de didatizar aquela defasagem a que nos referíamos. E há maneiras e momentos em que o aprender tem sentido... e é possível... e é necessário.

OS

MOMENTOS

DO

SENTIDO

DE

APRENDER

Nos atos refletidos da memória, aqui pormenorizada no que se refere ao processo de escolarizar-se, aquelas "sínteses" são maneiras de reelaborar o conhecimento em refazendo a vida.

Fazer-se, na idade adulta, aluno em banco de escola, caracteriza na pessoa, uma certa "opressão consentida": se, por um lado, esse esforço de revitalizar o conhecimento torna explícita uma descondição ("inadequação") do educando, por outro lado, o empenho pela escolarização dinamiza nas pessoas uma esperança, uma orientação para "subir na vida". Para "subir na vida" esse educando se confirma "aluno de Mobra!".

Era nossa suposição inicial podermos trabalhar sobre essa questão da "opressão consentida"; pelo espaço da alfabetização as pessoas poderiam vivenciar situações nas quais as práticas educadoras do grupo lhe permitissem repensar suas "marcas didáticas". Em termos de estudo... a experiência de alfabetização permitiria a pessoas-educandos o poder didático de manusear o conhecimento com que sobrevivem no cotidiano. Mesmo tendo perdido o poder de prática sobre o conhecimento no qual foram formados (pois as condições são outras), esse educando poderia manusear a gramática cotidiana do seu aprendizado com um certo poder de escrita, de leitura, etc.

Pela reflexão enunciada deles, os alfabetizados, algumas práticas de repensar-se foram tomando corpo:

*"e eu digo ao senhor, se... e o senhor é meu amigo, meu professor e meu amigo; o senhor num tá sendo, agora, professor meu, mas o senhor já foi o meu professor. Mas... que nem na Escritura diz... na Sagrada Escritura eu não tenho o senhor mais que eu! Com certeza nós, diante de Jesus, somos iguais, né? Mas na leitura e na capacidade de sabedoria o*

senhor é um professor meu. E eu creio em Deus que ele, fonte de sabedoria material, lhe dê também a sabedoria espiritual.

Olha: na Escritura... e o senhor sabe que eu mal leio, num tive muita escola!... e então eu mando ler e então eu prego e dou o sentido porque quem fala num é eu... É! Graças a Deus, amém! E então eu ficarei muito contente se eu ver o senhor aqui, em nosso templo, um dia de sábado. Olha: Deus abençoe os seus passos e o senhor num esqueça de vir aqui, com a gente."

Sr. Manoel

São posturas que configuram os momentos e delimitam as prioridades para o sentido de aprender. O estudo que vão tendo, deve confirmar (facilitar) esse poder de palavra da narrativa, muito comum a eles. O exercício didático pelo qual as pessoas assumem um certo poder sobre o conjunto de seus conhecimentos cotidianos remeteu, sempre, às maneiras pelas quais a memória se apropria e re-elabora aquela "opressão consentida". O exercício desse poder permitiu ao grupo refletir e manusear suas formas práticas de conhecimento sendo reelaborado e, inclusive, enunciar suas alternativas...

"nesse propósito de ir remando, ir remando, vai tocando conforme pode é o modo de viver; e o que a gente tem é a vivência e, mode viver, eu vou pra qui, vou prali... pracolá.

Eu num sei nada, viu Adriano, eu num sei nem o meu nome, tá? Nem meu nome eu sei. Eu, quando eu vou precisar de uma carteira, de meu nome escrito... é o dedão que vai lá. Dessa parte de saber eu num sei nada; nada: sabe o que é isso?... Eu só sei mesmo, é a Graça de Deus. E da Graça de Deus eu tenho bastante: graças a Deus, a fé em Deus e nos meus santos também.

Eu num sei... eu tenho uma coisa assim: se eu pensar de atravessar por ali e minha idéia me disser 'num entre não, que ali você vai se afogar, você vai pegar uma qualquer coisa'. Eu num vou não. Vou não."

D. Ana

O colorido dessa narrativa vai compondo um fio da meada pelo qual aqueles alfabetizados enunciam o poder de conhecimento de suas atitudes. Esse procedimento fala dos momentos de síntese em que a reflexão infere da prática de memória do cotidiano. É por aí que se acentuam as artimanhas e as reelaborações de cada situação de afirmação ou despoder. Muito maior que a tecnicidade do aprendido na escola é o poder de apreender-se dando sentido (próprio) à inadequação pressentida. E a regra certa do falar segundo a escrita da escola vai sendo absorvida por essa narrativa.

E o que vale mesmo, o que é de mais certo é cada pessoa se afirmar e dar prosseguimento naquela sua tenência; pois é por ela que se explicitam os momentos em que há sentido aprender:

*"... você tá aqui, conversando, nós tamos aqui, num devemos nada pra ninguém, a ninguém o mal vamos fazer. Nós não temos aquela inclinação... inclinação que nós temos é aquela de ensinar o caminho pra os que vai errando. Quem já viu disso, sabe. Se não sabe, como vai saber? São coisas que não cabe fazer idéia..."*

D. Ana

### Os Temas Geradores?

Na medida em que foram se aprofundando os hábitos de leitura e reflexão pela escrita as pessoas vão "possuindo" a escolaridade. Esse "estatuto" vai sendo erigido pelo poder de cotidiano de seu aprendizado.

A regra certa, o falar correto próprios à gramática oficial... todo esse conjunto de códigos vai sendo assumido pelo movimento epistemológico da memória; e as expressões culturais vão sendo retraduzidas, e as expressões culturais de contar a vida vão sendo refeitas pelo aprendizado atual. O ato de estudar, a importância da aprendizagem vai sendo remetida às práticas que permitem às pessoas "seguir remando" pela vida.

À guisa de "temas-geradores" foram sendo constantemente abordados alguns aspectos que abaixo saliento em uma seqüência que não foi, necessariamente, assim acontecida: I - onde residiam essas pessoas, como foi que o local de vida anterior deixou conotações e caracterizações sobre o "poder de enunciar-se" típico desses que se repensam agora; e o que faziam essas pessoas para ganhar seu sustento e as dificuldades principais desse tipo de vida...

II - as razões pelas quais as famílias deslocaram-se desde suas regiões até Campinas; os motivos pelos quais essa cidade e esse bairro foram escolhidos; os envolvimentos familiares que acompanham essas readaptações à vida dessa periferia. Algumas comparações entre a vida atual e as perspectivas anteriores, repensadas agora desde as muitas "sínteses"...

III - as observações historiadas sobre a compra do terreno (o lote no Parque Universitário), as condições de pagamento, as proporções entre o preço das coisas e o orçamento familiar, as impressões sobre o morador do bairro e seus costumes... As observações sobre as maneiras coletivas de organização da vida no bairro. A moradia...

IV - o trabalho, os tipos de serviço conseguidos e as formas de aprendizado que eles exigiram; os padrões de melhoria de vida elaborados ao longo da vida. Os companheiros de serviço, as formas de aprendizado relacionadas àquele aprendizado da vida anterior...; a questão do salário, o preço da vida, etc.

V - as formas coletivas de expressão de vida do bairro: as religiões, a Associação de Moradores do Bairro e a Associação de Moradores da Favela, os grupos do Futebol, etc. Os grupos de lazer, os bailinhos e as festas, os circos, a patinação e os parques...

Esses temas foram sendo desenvolvidos no decorrer do ano letivo. O desdobramento deles se deu dentro da "disciplina": Estudos Sociais.

A escola funcionou como lugar onde a prática de conhecimento da vida atual era sistematizada segundo o registro da (necessária?) escolaridade. Essa tematização, acima resumida, permitiu maneiras de encaminhar o aprendizado se compreendendo situado e situante.

No decorrer desse relato muitas redações ou discussões ficaram registradas: histórias de vida na vida da escrita, posições assumidas a partir das muitas "educações" repensa-

das...; são depoimentos de um processo.

"meu marido é bom; ele é muito nervoso, às vezes ataca as criança que até machuca; outro dia ele quebrou um pau nas costas do Osvaldinho. Eu tento acalmar ele, mostrar que ele tem que ser de maneira diferente com as criança... mas é o temperamento dele. Ele já foi alcoólatra, é o jeito que ele tem de mostrar amor. Agora... os meus meninos... eles não são ruins! Eles até que são delicados. Mas tem uma coisa: obediente... isso eles não são! Também, pudera... não é bom educar filho muito obediente, senão eles vão morrer pastano que nem o pai.

Eu, quando eu morrer, quero muitas flores vermelhas pra quando estiverem me enterrando, elas ser atiradas novento; e aí os meninos vão passar e dizer-se rindo: "olha o sangue da Ivone preta circulando por aí!..."

Eu num gosto de coisas prontas! Eu gosto é de começar e terminar uma tarefa. No dia que eu morrer e for pro céu, eu vou pedir pra Deus, nosso Senhor: 'me dá aí uns par de metro de chão pra eu fazer uma hortinha?'...

Ivone

## A PRÁTICA RELIGIOSA

1. O poder de atitude do crente: entre o aprendido no Tempo e o aceitado na Crença;
2. A certeza de Deus: no desgoverno desse "final dos Tempos", há um fiador da interioridade de quem se reconhece filho;
3. Dos atos de Homem às atitudes do Crente: caminho da Condição redimida, realização da vontade anterior da Divina Providência.
4. A celebração e a missa: o que nos é próximo e nos faz carentes; o que nos é distante e nos legitima.

As expressões pelas quais as pessoas propõem um sentido para si mesmas e para o seu mundo, acontecem também através das práticas religiosas. E esse momento do nosso relato vai tentar apreender essa compreensão de mundo explicitada pelas práticas religiosas.

Naquelas condições de sobrevivência eles redefinem suas concepções sobre a vida; em termos religiosos: eles redefinem suas propostas de atuação e de pertença a uma comunidade religiosa.

Iniciamos esse trabalho reunindo alguns "depoimentos" de pessoas que se dedicam fortemente às atividades religiosas de sua comunidade:

- . O Sr. Antonio, um dos fundadores do templo local da Congregação Cristã do Brasil;
- . a D. Ana, parteira e benzedeira, pessoa muito conhecida por uma ampla clientela que frequenta suas rezas, bençãos e conselhos;
- . o pastor Damasceno, primeiro pastor daquela Igreja Assembléia de Deus;
- . a Sra. Neusa, catequista na comunidade Sta. Inês, esposa de um dos coordenadores dessa comunidade;
- . o Sr. José Gonçalves, da equipe de coordenação da comunidade Sta. Inês, um dos responsáveis pelos começos do trabalho religioso católico no bairro.

Colher esses "depoimentos" deu corpo à essa tentativa de obter das pessoas, a relação de significação que, pela religião, se estabelece entre as práticas de gente e a realida

de cambiante do conhecimento e da memória deles. Esses "depoimentos" procuraram seguir a compreensão e a explicação que os praticantes consideraram importante; eles foram colhidos sem outra preocupação além daquela de "falar sobre a religião e os crentes daqui, do Parque". Nossas observações tentaram situar essa fala e explicitar nossa postura (de pesquisador, além de professor no bairro).

O

PODER

DE

ATITUDE

DO

CRENTE:

ENTRE O APRENDIDO NO TEMPO E O ACEITADO NA CRENÇA

"... o miserável trabalha mais que... trabalha aã que nem um condenado da vida; quando pensa que não ... chega aã o saqueador e é aquilo!! Isso precisa é de uma condenação eterna! Ou não?!... Sei não, viu meu irmão, se isso num é o fim mesmo... da jornada. E as partidas é por aã mesmo... por algum sentido: é por loucos, coisa ruim. Coisa Ruim! Você agora repare: num tem mais autoridade na terra!!... Num tem!... Num tem um administrador que saiba administrar o mundo... onde é que está? Num tem!!... Os administrador do Brasil acabou tudo. Num tem mais um administrador que administra com as coisas nos eixos, que põe as coisas nos regulamento certo... Tudo é só trabalhã na partida da ignorância..

Quem quiser ter um ensino mais bem explicado... que leia a Bíblia. Lã ele tem. E ele vai analisando, também: num é só ler, deixando passar! Ele vai analisando e guardando na idêia os começos: e o quanto se passou e o quanto ainda vem. E vai levando assim. Tem lã, direitinho! umas mudanças no mundo, um desgoverno nesse mundo, um mal sideral nos astros, aquela danação do começo, ao fim.

A Bíblia... o cara lê, lê... e num entende. E porquê? Porque é um mistério da palavra de Deus. É mistério da palavra de Deus... que Deus disse e escreveu só três palavras, no Egito; e com essas três palavras, disse, Que Ele Disse: e o mundo se encheu de livros mentirosos em nome do Pai, dizendo que ele é Deus sem ter ele aqui, o lele mostra o peito). E... no mundo... o ladrão Zaqueu: e hoje em dia é o que mais se vê. É onde o apóstolo, o apóstolo que era o amigo Dele, perguntou quando Ele ia ter ao Pai e quando era a vinda Dele: quando seria a vinda Dele?? E Ele foi e disse: quando houver nos quatro cantos da terra, quando houver dum jeito que num haja um só vivente que não ouça o som da minha palavra... aã a vinda do Filho do Homem está próxima. Quando houver fome, peste, guerra, desemprego, quando um se humilhar... quando dessas coisas houver... e, veja você, até os astros estão num repropósito!..., e essas coisas estão se passando. Coisas que nunca se viu está se vendo! No tempo que havia mais inocência, os crentes viviam mais contentes, viviam mais unidos, havia mais paz. Analisa você! de quando eu nasci... analisa e tira uma linha... do dia 20 de dezembro de 1919... de 19 para cá, de tudo o Senhor cuidava. E os filhos tinha no capricho de ser os mais zelosos com os pai e os pai num vivia batendo nos filho, e era falar e era uma vez só... e isso foi como no primeiro século... e que houve e que foi tirado pela ira do Senhor. E o século passará... mas não a palavra do Senhor..."

Seu Antonio

Houve, na favela onde mora o Seu Antonio, mais de um roubo: a calça Lee sumiu do varal, o bujão de gás sumiu da á rea, sumiu a bicicleta acorrentada no quintal. E é por aí que ele iniciou sua fala enfatizando, sempre, uma maneira religiosa de expressar o mundo percebido. Dessa maneira religiosa de expressão e análise, quisemos enfatizar o propósito (nela contido) para o Ser Humano.

O discurso carrega a dupla importância da constatação (análise) e da desaprovação (desacordo ético). A fala tanto analisa, quanto desaprova: e foi a partir dela que "extraímos" esse propósito que nos interessou de perto.

A atuação do saqueador (o ladrão Zaqueu) é muito comum entre os moradores da favela; o saqueador é conhecido, é vizinho e amigo de gente da favela. O saqueador e seus amigos são conhecidos e temidos na favela, ele tem sua quadrilha organizada.

A atividade de Zaqueu desordena (desarranja) aquela ordem existente na favela, é uma atividade que quebra a ordem da honestidade trabalhadeira deles todos... Tanto é duro o trabalho deles como é firme a direção na qual eles se destinam : subir na vida. O trabalho honesto e rigoroso é um sintoma antigo que caracteriza a pessoa correta, corretamente orientada , As atividades do Zaqueu quebram essa ordem: elas são um despropósito, são uma ameaça. O ladrão Zaqueu põe ã vista de todos, o proceder (da trama) que rearranja a direção inevitável da Condição deles. Mas essa trama do Zaqueu evidencia (pela violência) a evitada marginalidade. Marginalidade que é uma constância... Ao mesmo tempo... Zaqueu é um deles, é filho de morador da favela, ele se confunde como um deles; por exemplo: quan

do chamada, a Polícia ou desatende o chamado ou intervêm violentamente de modo a molestar todos eles (os "favelados"). Consequência certa da atividade de Zaqueu, é a violência: tanto da polícia, intervindo, quanto da represália, vingança praticada pela quadrilha do Zaqueu. Esse fato comum (o roubo) confirma tanto o poder de análise de S. Antonio como a condição dele de favelado, sujeito ao desarranjo.

Para o nosso relato, merece ser esmiuçada a agudeza da constatação, a presteza criteriosa dessa ética...

No discurso religioso se combinam o poder de análise e a desaprovação que afirma a ética da análise; o que relaciona a análise à desaprovação ética é o sentimento religioso do crente. Na medida em que se situa no mundo, criterizando-o pela crença, o crente constata um desgoverno: existe nele o poder de perceber (pela análise) o que é direito, mas não existe poder para efetivar uma ordem de mundo de acordo com o direito. A eficácia da análise testifica o homem crente, homem trabalhando por um mundo de coisas sérias e certas; a deseficácia da ética do homem-crente, testifica uma condição desse homem e afirma um "poder do mundo" plenamente desaprovado pelo crente.

Despossuído de poder nas suas atitudes morais, fortalecido em sua análise através das práticas religiosas e das práticas de sobrevivência... O crente conclui pela falta de ordem no mundo e interpreta esse mundo a partir desse desarranjo. Essa caracterização (sobre si, sobre o mundo) evidencia os sinais de fraqueza da condição dele, um favelado, e evidencia os parâmetros de força dessa condição quando religiosamente regrada.

Hã aí (me parece) criterizações sobre essa condição de Ser Humano: entre as razões que alicerçam o poder do percebi

do e os porquês que justificam o despoder de ajeitar o mundo . No plano da ordem social, dentro da qual eles trabalham pelo certo, inexistente poder (político?) para efetivar esse certo a partir da condição cotidiana; e é a partir daí que se instaura o campo religioso como "poder de homem", como fator que confere estatuto e estatura às práticas do crente.

E Deus se confirma confirmando a norma ética do trabalho honesto, confirmando o poder de leitura a partir dessa ética; e, no que se refere à deseficácia (falta de poder) dessa leitura, se evidencia um poder de mundo que não desautoriza a Deus mas que explicita (pela análise, também) uma previsão para o mundo, uma destinação, uma natureza-de-ser-das coisas...

"... mas uns filho obedece a Deus com amor e outros com dor, porque na obra de Deus homem nenhum põe a mão porque num pode. É Ele mesmo, o poderoso. E eu Dele dizia: se Ele fosse mesmo forte Ele num tinha morrido...! Num existe esse Deus!, eu dizia. Sacerdote!? Eu queria ver o Diabo mas num queria ver um padre na minha frente. Eu sô acreditava e nas minhas orações, as que aprendi com o tempo, com o tempo...; e com aquilo que eu me corrigia, e com aquilo eu media o que passava. O tempo me ensinava e eu sabia, sabia mesmo! e eu via o que tinha que fazer porque tudo é da natureza, né? Tudo é da natureza...

E hoje eu digo: tudo é por Deus. E num é por entendimento material... e nem espiritual, que eu nunca nem entrado a orar em Igreja eu tinha; aquele que tem o nome no livro da vida marcado por Jesus Cristo... esse, faça o que fizer, pode ser o pior bandido que ele alcança a Graça num tempo certo. E acontece que eu era assim: um tipo desordenado; eu sô acreditava naquilo que eu via... E você vinha, me dizia uma coisa e, se eu visse assim, assim eu dizia: pois, pois... Amanhã ou depois pois eu tava com outra pessoa e eu dizia: fulano é mentiroso! Nada de curva eu punha em riba de mim. Eu era essa razão. E aconteceu foi que eu acordei.

E acordei no fora de mim, eu já num era mais aquela questão, o tempo tinha se zombado de minhas tenção. E tava em casa e tal e passando um pano molhado no rosto e nos braço e tava ali vestindo uma roupa quando foi que chegou um carro na porta e me chamando pra ir na Assembléia dos Crente.

Eu digo: vou! E fui.

Quando cheguei tava aquele povo ali, tudo tranquilo, num tinha nada, ninguém tinha aborrecimento e ninguém tinha nada de Diabo no corpo. É! E o Diabo tava era acontecendo mais mesmo comigo... era eu. Aquela tentação tava era comigo, sô comigo. E aquela danação que eu sustentava!

E eu nunca tinha entrado em Igreja Crente nenhuma! E já entrei com aquela autoridade assim, e quando cheguei lá na frente assim e fechei os olhos e foi sô lágrima que caiu!

E, veja você! Eu muita vez tava no lícito! Tava certo em perseguir certos cabra... mas num é lícito derramar o sangue. E aí... quando foi com quarenta dias que eu desci nas águas de lá, mode ser batizado. Foi então que eu tive um sonho e fui revelado nessa Igreja Crente daqui, e eu nunca tinha ouvido falar nela. E nem esse bairro aqui, assim, num tinha ainda."

Sr. Antonio

A força do tempo e do mundo agem sobre o sujeito e configuram nele uma forma de dizer de si e explicitar as razões de sua natureza; e a força de fazer análises se orienta pelo propósito de "caminhar para a conversão".

E o poder de mundo sobre o sujeito lhe dá a força para a sobrevivência: cada um responder por si, naquele entendimento. Considerando que é a conversão, hoje avaliada como o que mais importa, que aproxima o Ser Humano de uma explicação total sobre o poder no mundo... é desde sua experiência de converso (e crente) que o narrador toma o tino de elaborar sua narrativa pela direção daquele propósito.

Hã, por aprender, um poder de atitude; trata-se da prática religiosa que configura no favelado um filho de Deus e lhe permite um poder ético de analisar e constatar. E lhe permite também, aconchegar-se na proteção do Senhor Deus em cuja obra homem nenhum põe a mão. E Deus, quando mostra as caras, é pelo indireto, é pelo agir na inobservância do lícito dos humanos; Deus é força elaborada a partir da insuficiência do agir do homem. Quando a força do tempo cumpre seus rumos no homem, este se confunde com o mundo, com o Diabo: e Deus, que age por toda parte, se faz presença quando o homem assume a insuficiência do seu lícito. No crente a força de Deus opera de maneira a desconfundir o certo e o errado.

O crente reorienta suas "ações de agir do homem", segundo o plano das intenções de Deus; sua força aprendida e seu tino do tempo são redefinidos dentro do poder mais amplo, mais certo. O que é próprio do saber do homem é repostado em função dos planos divinos. Acontece aí uma combinação entre o aprendido no tempo e o aceitado na crença: viver a fé é uma

mescla entre o tino que interpreta e a providência que designa. Converter-se é um ato definidor de campos: 1) entre a lida humana que termina ou em violência ou em despoder próprio ã condição e 2) o poder de crença garantido por Deus no seu fluimento. Convertido, ele optou: redefiniu sua característica humana de andar definindo os rumos. Agora, crente, o homem está imerso na regra certa da Divina Providência. E o conjunto de experiências, por ele vividas, está também imerso num propósito. Homem crente, o poder de suas atitudes está orientado na regra santificadora da Paternidade infalível. E esse Plano Divino tem seus tempos: enquanto do tempo for do homem, ele atua sem estar convertido e tem seu lícito e seu critério e essa razão-de-homem o faz sujeito ao desgoverno próprio do mundo. A partir da conversão, o homem se subordina ã eficácia planejada dos Planos de Deus e o desgoverno (desarranjo) do mundo se ordena na anterioridade imanente da Providência.

A partir daí, todas as ações do ser humano, mesmo quando não era convertido, se orientam pelo critério da crença: o agir de Deus tem seu método e sua espera e se valida sobre o fracasso mundano do homem, de modo a valorizar o tino e o aprendido como pré-etapas, coisas demundo que encaminharam o homem e o transformaram no crente.

A

CERTEZA

DE

DEUS:

NO DESGOVERNO DESSE "FINAL DOS TEMPOS", HÁ UM FIADOR DA  
INTERIORIDADE DE QUEM SE RECONHECE FILHO

"... pois, o Liô (o falecido marido) era muito de voto. E foi ele que me ajudou a construir o meu altar. Eu tenho meu altorzinho, você ainda num viu... Pois eu tenho, tã lã. É aquela última janelinha lã. Toda a vida eu tive o meu altorzinho. Por lã é que a casa toda se orienta.

Veja você... onde é que eu moro aqui, num vê? Eu moro na boca da onça. E nunca tive um problema nunca apareceu um qualquer aqui... Graças a Deus! E meus filhos anda por aĩ tudo e nunca teve um problema que qualquer... Graças a Deus, que nunca me abandonou. E é por Deus que é tudo. Porque a camisa, a roupa que você tem no corpo, essas uma anda por aĩ... no varal, naquela cerca... e rasga. E você fica nu. Mas Deus... é lã dentro! E meus filhos? Ele vive por mim, eles vive por mim. Agora... o dia que eu fechar esses dois olhinho aqui... nesse dia, é como diz a moda do outro: coração de gente é terra que ninguém vai.

Eu sei o que você está pensando? Eu sei?!? Você sabe o que eu estou pensando aqui? Num sabe! É ou num é?? Coração de gente, terra que ninguém vai. Às vezes você pode estar com um colega e ele até te cumprimenta: hei, Adriano? E ninguém sabe se ele está te traíndo por dentro.

Por isso... seu colega é Deus. É ou num é?! É o primeiro... porque Ele é nosso Pai e num é padrasto; Deus num é padrasto. E Ele num é vingativo. É o único pai que temos. Meu amigo é Deus, nele eu confio. Se nem na roupa que eu tenho no corpo eu posso confiar: e eu passo ali, debaixo da cerca e a roupa se rasga, e daí? Mas Deus não! Esse eu sei que é amigo.

Agora... existe essa preocupação: hoje em dia parece que Deus tá mais escondido, menos aparecido. É que hoje em dia o povo novo só tá com a cabeça na ilusão, só quer saber da ilusão; são desacreditados. Não são todos... mas é a época.

Porque Deus... na Bíblia tá escrito que ia haver um tempo, um tempo que ia ser mãe contra filha, e filho contra pai, e que o povo num parava mais e que num tinha lugar bom para o povo.

E você poder ver que já tá.

Se eu mudo daqui pra lá... já tem outro falando: 'eu vou mudar pra casa de D. Ana, porque tá boa.' E eu, se mudo pra lá, na casa que era do outro é porque aquele um já se mudou pra outro lugar. Então: chegou a época de o povo desacreditar que existe Deus no mundo. É o fim da época, né?? É o fim que tá chegando..."

D. Ana

E ela prossegue uma longa dissertação sobre o antigo tempo, conta como eram feitas as coisas, conta como é que ela pôde comprar seu enxoval e mais roupas para o irmão bebê e mais alguma mobília e tudo isso sem gastar os quinhentos cruzeiros ganhos do avô... e tudo isso Graças a Deus.

A proximidade de Deus é o elemento fundamental antes e agora; Deus é o que nunca abandona; Ele testifica a longa experiência vivida e se fez apropriado e é norteador da experiência e da casa. Pela experiência e pela casa ela pôde construir a significação muito grande tanto da palavra religiosa que tem poder de realidade na oração, na bênção, na invocação, quanto da interpretação que a crença realiza através de práticas religiosas. O peso desse movimento se aciona pela certeza de Deus, "Pai e não padrasto"; a profunda interioridade permitida pela certeza envolve todos os momentos e recompõe com os dias e fatos da vida a inteireza definidora da filiação. A isso temos denominado, algumas vezes, propósito.

É porque existe uma inteireza propositada é que a vida se realiza: o barraco muito frágil, os filhos sadios, a vida segura dentro de um lugar infestado de malfeitores, etc. Se a vida se realiza dentro de condições de um perigo permanente, isso é sinal de que Deus existe: e Ele é o fiador dessa interpretação que aposta, através de práticas de crente, em um propósito. A firmeza da interpretação recoloca o sentido de Deus na interioridade de cada esperteza lograda; e muitas espertezas são necessárias, desde o momento primeiro de conseguir o terreninho do barraco (terreninho que não é dela, é da prefeitura e futuramente será uma avenida).

É mesmo por Deus que tais coisas acontecem; é só mes

mo por Deus que o poder de interpretação da pessoa reconverte o mundo e o faz confiável, adentrado em um Plano. E o risco permanente próprio à sua condição reelabora os sintomas de sua análise local através de dados da memória praticada na crença.

A transformação de antigas formas de crer e viver, deixa os critérios de ajuizar o "fim dos tempos"; o antigo modo de viver permaneceu nessa memória que se reelabora e ele analisa as atuais práticas religiosas como exercícios de sobrevivência. Baseado neste (antigo?) critério da consciência é que a perda de poder sobre o sentido de vida e trabalho anuncia o fim. Quanto mais se modificou aquela (antiga) relação entre trabalho de vida e realização ética apurada... tanto mais foi perdido em poder de ritualizar o entendimento sobre a vida.

E Deus vai sendo recolhido a uma profunda interioridade; e o poder de análise dessa interioridade compreende, no discurso, as esquecidas orientações que esse mundo (desgovernado) perdeu. Dessa interioridade é que, com muita certeza e nenhum poder, a D. Ana analisa o que é descaminho desse tempo; de muitas formas ela encaminha os entendimentos truncados de tanta gente que a consulta. E com esse poder que ela reconstrói nas pessoas a capacidade cotidiana de reestabelecer sentidos e reatar ao sentimento de "morar no que é dos outros" um outro sentimento de prosseguir no Plano dAquele que é Senhor sobre os confins da terra.

DOS ATOS DO HOMEM ÀS ATITUDES DO CRENTE:

CAMINHO DA CONDIÇÃO REDIMIDA, REALIZAÇÃO DA VONTADE ANTERIOR DA  
DIVINA PROVIDÊNCIA

Do pastor da Igreja Assemblêia de Deus, obtivemos uma reflexão elaborada a partir de citações bíblicas. A série de citações seqüenciadas pelo comentário dele, permitiu explicitar o entendimento dele sobre a relação entre o Ser Humano e a vida religiosa, por Deus querida.

O início da reflexão dele, procurou situar a natureza humana, como uma antropologia da Bíblia para o homem crente.

*"... sendo que todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus e são justificados, gratuitamente, por sua Graça..."*

Romanos 3

*"... porque o salário do pecado é a morte, e a Graça de Deus é a vida..."*

Romanos 6

A interpretação diz do Ser Humano, que ele é decaído, sua natureza humana é digna do salário do pecado. É infeliz o Homem que tenta viver por si, sua natureza imperfeita carece de converter-se.

A partir dessa concepção sobre a natureza humana, decorrem algumas caracterizações sobre o modo pelo qual essa natureza conforma o mundo; sendo por natureza pecador, o Ser Humano é responsável pelo que existe de imperfeito no mundo. E o mundo é imperfeito, é ocasião de pecado. Atuando segundo o que lhe é normal, esse Ser Humano cumpre com o inevitável papel de marcar o mundo com as características de sua condição. E o que existe na realidade do mundo não se trata de opções feitas pelo Homem;

tudo isso é, antes, uma decorrência do seu feitio.

"... e Caim teve relações com sua mulher e ela deu à luz um filho e o chamou Henoc; construiu uma cidade e lhe deu o mesmo nome de seu filho. Com o tempo nasceu de Henoc um filho que se chamou Irad. E Irad foi pai de Mavael, Mavael foi o pai de Matusael e este foi pai de Lamec. E Lamec teve duas mulheres: Ada e Sella. De Ada nasceu Jabel e este foi pai daqueles que habitam cabana e cuidam re banhos. Irmão de Jabel foi Jubal, pai daqueles que tocam a citara e a flauta.

Adão teve ainda um outro filho de sua mulher e o chamou Set dizendo: Deus me retornou um filho em lugar de Abel morto por Caim. De Set nasceu o filho que se chamou Enós e esse foi o primeiro que invocou Yavé pelo nome..."

#### Gênesis 4

A cidade dos homens é produto da descendência de Caim e foi por ela fundamentada; essa cidade guarda os caracteres da natureza de Caim. A habitação, o trabalho e até a atividade artística (a música, por exemplo) são decorrências ne cessárias do gênero humano; trabalhar e habitar são atividades que podem se tornar honradas na medida em que sejam ocasião de santificar e redimir. E o trabalho deve ser duro, e a casa deve ser difícil e a música deve ser religiosa... são mecanismos para transformar atos-de-homem em atitudes-de-crente.

Viver na cidade é encarado, mais ou menos, assim: a natureza humana se comporta em meio ao inevitável de sua condição; esse comportamento se desdobra intrinsecamente "contaminado"; a necessidade de redimir-se das culpas congênicas é muito concreta...

"... uma vez que o desejo da carne é morte, é inimigo de Deus: pois ele não se submete ao desígnio de Deus, e nem o pode. Pois os que estão na carne não podem agradar a Deus..."

## Romanos 8

Sendo filho da carne o homem possui em si a característica permanente da iminência: a situação do mundo é o perigo da condição do homem... e por ela se explica. O salário dessa condição (da natureza humana) é a morte. E a Graça de Deus, quando redime, é justamente o inverso da carne, o reverso do mundo...

"... presta-me ouvidos, filho de Sipur, Deus não é como o homem para dizer mentiras; nem é Deus filho de homem para voltar atrás. Acaso é Ele de dizer e não fazer, acaso é Ele de falar e não cumprir com a palavra?"

## Números 23

Porque Deus é assim, fiel e reto, é que é possível ao ser humano reverter sua condição e passar ao estado de Graça. E a iniciativa dessa possibilidade coube ao Senhor.

E o homem quando tornado crente é o rebelde cativado, receptor sem mérito daquela Graça de Deus; cabe-lhe manter-se convertido, manter-se em vigilância e zelo contra sua natureza. E esse é o seu mérito: salvar-se porque se mantém em guarda, vigiando o perigo de sua natureza. A santidade que esse homem adquire é imerecida, mesmo quando já se tornou crente e religioso: é preciso a prontidão contra sua tendência. Está no caminho dos justos, justamente porque se comporta pe

lo reverso de si mesmo. Existe um movimento de desassumir-se para se salvar... cumprir com o Plano divino que o redime de si mesmo e lhe permite a salvação que "inexiste fora de Cristo..." Heb. 12.

O Plano de Deus para o homem é anterior à escolha humana, da mesma forma como lhe é anterior sua natureza culposa: salvação e perdição antecedem ao poder de escolha do Ser Humano. Com antecipação já estão dadas as regras desse jogo. Já nasce culpado cada Ser Humano, já existiu um Redentor para essa culpa, já está em andamento um Plano de Deus para salvá-lo... E o tempo no qual cada homem vai reconhecer-se culpado, decaído, está em aberto: cada homem tem um seu tempo para viver o desatino de si mesmo e, também, para inteirar-se dessa ausência de Deus. Cada homem tem seu tempo para viver o lícito de si mesmo: e assim ele vai vivendo o perigoso indefinido de estar entre o poder de presença do mundo e a oferta de Deus salvador. Posto que são irreconciliáveis, esses dois caminhos são conflitantes dentro do agir do homem; entre a força da carne e o poder da Providência existe a natureza humana oscilando entre a salvação (pelo abandono de si) e a danação (pelo assumir-se no lícito). Aí reside uma "explicação" para o poder do mundo...

*"... pois os termos da promessa são estes: por essa época voltarei e Sara terá um filho. Também Rebeca, que conceberá sô de Isaac. E, quando ainda não haviam nascido e nada haviam feito de bem ou de mal, disse Deus: o maior ficará submisso ao menor.*

*Assim se fez a fim de que ficasse firme a liberdade da escolha de Deus, dependendo não das obras do homem mas dAquele que chama..."*

Esse terreno do mundo onde flutua o Ser Humano, lugar de conflito entre duas possibilidades, é um permanente palco de disputa; "viver é o perigoso das horas incertas...", assim diria Guimarães Rosa. Sem poder de escolha sobre o forte antecedido da salvação (pois a salvação não depende das obras...), cabe ao Homem desapropriar-se de sua condição.

Pelo zelo da prática religiosa, esse Homem permite que se cumpra nele um Plano de Deus; mesmo esse zelo permanente não é mērito seu... esse zelo vem confirmar a paciência e a fidelidade de Deus. Esse Ser Humano define seu próprio através do suceder corredio das suas habilidades; escondido entre cartas marcadas ele se recuperará de si mesmo, ao ser recolhido num Plano da Salvação.

A

CELEBRAÇÃO

E

A

MISSA:

O QUE NOS É PRÓXIMO E NOS FAZ CARENTES, O QUE NOS É DISTANTE  
E NOS LEGITIMA

"... de primeiro, quando o Zê Gonçalves fazia missa numa chácara... missa não, porque missa era cada mês, cada dois meses... Então, tinha lá uma chácara, no Parque bem lá no fundo. Sabe aquela rua que divide de assim os bairros D. Pedro do Parque Universitário? Então! Naquela uma tem, lá em baixo... tinha, né? Que hoje tá tudo loteado e dividido, até vendido... mas tinha uma chácara que era onde o Zê fazia celebração todo domingo... Tinha domingo — era poucos, mas tinha — tinha do minto que vinha o padre e fazia missa.

Até... a primeira vez que eu fui, eu tive que assuntar duma mulher dali, o Zê nem quis ir comigo, tava com construção praqui, prali, mas eu fui, assuntei com ela e a gente foi, as duas.

No que eu fui e contei pro Zê como que tava sendo as celebração. Depois o seu Osmar mais o Zê Gonçalves começaram com os cursos de Círculo Bíblico, isso nas casas. Eles até usava aqui a casa do seu Agenorzinho. Esse era um que era católico mesmo; mas foi indo, foi indo pegou serviço à noite e afastou de tudo. Mas o Zê (o marido) animou e participou. Participou num curso bíblico que o Zê Gonçalves tava fazendo; era até parecido com os cursos que nós dava lá no Paraná. Porque o Zê era ministro, lá no Paraná.

Aí foi quando nós começou o Círculo Bíblico daqui, dessa rua 15, esse um que o meu irmão dirige hoje, esse foi nós que fundamos.

Por fim, nós foi lá pra baixo e fundamos aquele outro Círculo Bíblico, naquela parte mais abandonada do Parque. Depois ele foi e fez um curso de Batizado, lá na cidade e resolver de pegar esse curso de preparação daqui... tá lá até hoje. Porque lá no Paraná, nós já era, sabe? Eu era catequista, meu pai era dirigente de culto, o Zê já era ministro e tinha lá sua comunidade nas vila e pras roça..."

D. Neusa

O ritual da missa centraliza a percepção que o praticante católico vai enunciando; quando se pôde ter a missa no bairro, foi um primeiro marco na legitimidade da experiência religiosa vivenciada no Parque Universitário. De primeiro, não havia missa todos os domingos; e competia ao Zê Gonçalves, ministro-leigo, fazer celebrações e procurar algum padre que viesse

se celebrar quando possível. Na memória dos rituais que existiram, se destaca a importância daquele "tempo-de-começo": e foi o tempo onde havia celebrações, juntamente com as missas, na proporção de uma missa e três celebrações ao mês. Os católicos marcam na memória de sua eclesialidade o começo das vindas do padre: foi um marco oficioso de sua presença coletiva na vida do bairro.

Acentua-se a existência desses dois (diferentes) rituais dominicais: missa existe quando é feita pelo padre: celebração é feita pelo oficiante do bairro, que é ministro-leigo desde os tempos do Paranã.

A missa permite que haja (no bairro) casamentos, batizados e comunhões. A missa decorre da possibilidade de algum padre (geralmente não era o mesmo que podia vir) que oficiava o encontro dominical ao redor dos sacramentos. E dependiam, tais sacramentos, da exclusiva presença oficiosa do padre permitindo algumas práticas "extensivas" ao redor (e a partir) da missa: cursos de batizado, os cursos de crisma e primeira comunhão, as preparações para o casamento naquela comunidade, etc.

A celebração, feita pelo ministro-leigo, permitia os encontros não-oficiosos em torno à liturgia da palavra; nessa palavra liturgizada, era usual uma crônica dos fatos locais, havendo uma teia de comentários sobre (a partir de) a vida e costumes locais; "desvencilhada" do aspecto sacramental, essa prática religiosa se atém mais fortemente à piedade costumeira e cotidiana. Os Círculos Bíblicos, as novenas, os terços, as benzeduras, as raras ocasiões em que às crenças tradicionais (S. João, S. Pedro, Finados) se unem os esforços por fazer um

encontro, uma festinha, ou uma reunião.

Também merece ser ressaltada a questão do lugar. A narrativa dos praticantes registra uma forma da história em função dos lugares que ocupou e dos espaços que permitiu abertos.

As práticas religiosas se desenvolveram de maneira a exigir um prédio, os lugares do ritual, lugares para reuniões. A partir também do prédio (o salãozinho) as pessoas se confirmam e se reconhecem praticantes em uma mesma experiência. Tanto isso é importante que os atuais dirigentes (coordenadores) de muitos setores da comunidade são aqueles que, desde o começo, cederam suas casas para reuniões ou encontros ou novenas. Antes que fosse possível construir o salãozinho, as reuniões aconteciam em residências; e aqueles cuja casa alojou as iniciativas se iniciaram na importância (e prestígio) de facilitar a expressão religiosa, os lugares pelos quais a "religião do Paraná" veio se assentando e se transformando, em Campinas. A memória "campineira" da experiência religiosa veio historiando lugares e pessoas que abriram espaços no processo de expressão da crença, redefinindo-a. E muitas outras idéias e opções foram sendo encaminhadas a partir desses lugares: inicialmente a chácara do Seu Jaime, depois o pátio interno do Grupo Escolar (com suas salas de aula, inclusive), depois o prédio próprio, o salãozinho. A história desse salãozinho está muito forte na narrativa de muitos deles: os que construíram, os que participaram nos multirões, os que fizeram colegas, os que elaboravam as rifas para arrecadar fundos, etc, etc. Desde julho de 80, quando findou a construção do salãozinho, existe um local próprio para orações, quermesses, reuniões, leilões, bazares beneficentes, etc.

"... quando tava com seis meses que eu já morava no Parque foi que eu comecei com o levantamento; por que de primeiro, logo no começo, eu acompanhava lá no Aeroporto (um bairro vizinho). Lá já tinha uma equipe trabalhando há mais tempo e tinha aí gente de envolvendo. Donde que foi que eu ajudei aí uns par de mês, pra pegar a realidade daqui como é que tava sendo. Por que você sabe, né? No Paraná as coisas era diferente; fiquei uns tempos lá no Jardim Aeroporto e quando foi com um tempo o pessoal de lá me convidou pra fazer alguma celebração. E eu já tinha por costume fazer celebração vestindo a túnica; foi um reboliço, rapaz! Teve padre por aí que achou que não, que num devia. Porque essa túnica que você vê, o Osmar mais eu usando isso, num era costume por aqui. Mas eu fiquei firme: vou continuar usando... e pronto!

Tempo depois, eu tava conversando com o Dom Gilberto (o bispo) e aí eu perguntei e ele disse que não que num tinha problema. Porque o Tim Gilberto é assim: o que ele num gosta é quando a coisa tá fora disso, ele é assim de ouvir e de aceitar opinião.

Nessa época, de começo eu fui lá naquele pessoal da catedral e pedi uma força pra eles; e eles veio. E com cinco ou seis domingo nós fez o levantamento de tudo isso aqui. E eu até pedia pra eles de a gente bater de porta em porta, conversar com cada família aqui do Parque. Tinha gente que gostava e insistia pra gente aceitar cafezinho e almoço até, conforme a hora. Teve um dia, foi um domingo de manhã, que eu só fiz três visitas, eu encontrei aqui perto do Aliança, encontrei um rapaz que começou conversa e tava discutindo sobre espiritismo e essas coisa. E aí eu tive que explicar pra ele, né? E a conversa encomprou toda a vida. Foi fogo! Com cinco ou seis domingos a gente conversou com cada família do Parque; algumas a gente visitava depois, outra vez. As família crente a gente anotava direitinho, algumas nem queria saber de conversa. E a gente podia ver, pelas fichas, que tinha muita falta do sacramento; o pessoal num tinha criança batizada, num tinha criança na primeira comunhão e nem crisma. E a gente perguntava se a família queria participação, e eles táva disposto a frequentar o sacramento, etc. De primeiro, o que era difícil era o lugar; porque num tinha aqui um lugar apropriado; o primeiro que achei foi o Seu Jaime, era um homem que vendia verdura aqui nas casa tudo. Ele tinha uma chácara ali no final do Parque e lá tinha um galpão. A primeira celebração que nós fez foi lá. O Seu Jaime, que vendia verdura, conhecia quase todo o mundo e disse: "você pode deixar, eu aviso o povo todo daqui..."

Num tinha ninguém que ajudasse, eu é que tinha que fazer as leitura tudo sozinho. Até os folheto das missa, no começo nós preparava eles aqui; e era só duas ou três pessoas que vinha fazendo isso.

Com o tempo, quem primeiro apareceu foi o Osvaldo; eu perguntava, sempre, nas celebrações quem é que estava disposto a colaborar. Aí foi que ele chegou. O Osmar veio depois, porque ele tava nessa época construindo a casa dele. E eu não sabia, também, como ia ser a opinião da diocese: e eu fiquei cava naquela: faz celebração? Ou não faz celebração? Por que o povo não tava acostumado com essa iniciativa, era meio novidade aqui... até o pessoal da catedral estranhou um pouco, quando eu apareci lá com essa idéia de fazer levantamento!

Mas eu fui fazendo! Veio aquele pessoal no começo, eles deu uma mão; depois foi juntando gente daqui do bairro, nós começou a participar de algumas reuniões da diocese... por exemplo: o Zé Antônio, quando foi começar com o trabalho de preparação de batismo ele participou num curso da diocese. E tem que ter aquela integração; que nem, por exemplo, nossa contabilidade é toda controlada pela equipe diocesana do padre Sena: teve um tempo aí que o nosso livro-caixa ficou uns dois meses lá com eles na Cúria; e tava tudo certinho. Nós temos conta em banco, no nome da Cúria, tudo certinho.

De onde eu vim, no Paraná, a realidade daquela diocese era bem diferente daqui. Lá eu era responsável por duas comunidades: uma na periferia da cidade e outra afastada, assim mais no sítio. E lá a diocese tinha os cursos; duas vezes no ano a gente ficava uma semana inteirinha - de domingo a domingo - retirado, fazendo um estudo. Uma vez em julho, e uma vez em janeiro a gente fazia esses cursos; e por ali já passou mais de quinhentos ministros. Eu é porque mudei de lá, senão eu tava ordenado diácono, faltava só um encontro pra eu ser ordenado diácono. E nesses cursos tinha de tudo: eles dava instrução de como trabalhar com jovens, instrução pra gente trabalhar com Círculo Bíblico, e pra trabalhar com catequese... tinha todas as partes da pastoral. Não é que não aqui; aqui a gente vai nos encontros da pastoral e só tem palestras sobre movimentos populares; eu acho certo isso, esse povo não tá preparado para discutir essas coisas... como é que eu posso discutir de movimento popular aqui? Eu, se faço, vou é pregar a violência, vou procurar a desordem..."

Sr. Zé Gonçalves

O outro "fio da meada" que permite centrar o nosso entendimento sobre a prática religiosa católica é a frequência aos sacramentos; a partir dessa frequência existem tradicionais ritos que são muito conhecidos nas variadas reinterpretações que a prática atual permite. A frequência aos sacramentos, foi o ponto de início para a atividade (o levantamento) feito pelo ministro-leigo; e o surgimento daquela que viria a ser Comunidade Santa Inês, se deu a partir desse rastreamento.

Nesse levantamento feito, havia o propósito de encaminhar (reunir) em momentos coletivos, aquela prática sacramental muito antiga; formar pessoas dentro desses momentos coletivos foi a intenção que abriu o espaço às primeiras reuniões.

A partir do levantamento, constatou-se uma situação de "carência" (a pouca ou nenhuma prática sacramental) e pareceu evidente a necessidade de construir formas de acesso da população ao sacramento; e crianças sem batismo, jovens sem comunhão e sem crisma, doentes sem visita e sem unção dos enfermos (a extrema unção), casais sem os cursos para o casamento... são situações que configuram a antiga "carência" do Parque Universitário e imediações... Aquela mobilização (o levantamento) procurava encaminhar maneiras de constatar e resolver, no bairro, essa situação de defasagem entre: I) a importância da expressão religiosa de tais antigas práticas, conhecidas, oficialmente reconhecidas... e II) a circunstância atual da infrequência àqueles ritos.

O trabalho de formação de pessoas, atualmente sendo encaminhado, se enveredou por esses conhecidos canais; e as atitudes do ministro-leigo, ainda que pouco conhecidas em Cam-

pinas, tinham a legitimidade dessa tradição e desses canais de expressão religiosa.

O momento seguinte, o passo seguinte nessa escala de legitimação era filiar-se à instância oficial: a diocese. Estabelecer ligações com o bairro vizinho, procurar o apoio das pessoas da catedral diocesana e até procurar a opinião do bispo foram esforços de filiação à essa instância oficial. Mesmo a muita experiência anterior dessas pessoas que atuavam no Paranã faz-se contextualizada, em Campinas, a partir desse elo com a diocese.

Os momentos de recomeçar foram bastante criativos a partir da experiência anterior; são práticas que recriam, no contexto daquela periferia, as formas de ser católico: os Círculos Bíblicos, as reuniões das novenas de Páscoa, Natal ou Quaresma, o Apostolado da Oração, os Terços, as Visitadoras aos enfermos e às parturientes, as práticas devocionais à Santa Rita, São João, São Pedro e muitas outras práticas populares. Através delas todas as pessoas vão se exercendo em uma imbricação entre práticas antigas e condições atuais. Essa flexibilidade criadora que os coordenadores e equipes de coordenação vão adquirindo na lida lhas permite redimensionar as diretrizes que a diocese formula. Por exemplo, acontece anualmente uma Campanha da Fraternidade que é acionada pelas tradicionais práticas populares de reunir, orar e acompanhar pelo livreto.

Aquelas práticas que "são novidade em Campinas" se reorientam, lentamente, em função dessas diretrizes, pois é (também) em função dessa filiação ao elo oficial, que a prática de bairro se expressa. E essa ligação é importante, também, em se pensando nas demais Igrejas que existem no bairro: a Con

gregação Cristã, a Assembléia de Deus, a Igreja Batista. A experiência tem mostrado que essas práticas antigas podem se adaptar a essa ou aquela corporação religiosa, dependendo do momento e das motivações pessoais e familiares: hã os que se mantêm fiéis à prática na Igreja Católica, hã os que fielmente se convertem a uma outra Igreja e essa lhes facilita uma releitura de suas tradições de maneira tão efetiva quanto a católica. As mudanças vão ocorrendo em virtude, justamente, da recontextuação.

Pensando nas práticas de católicos, é fundamental a compreensão de que o acesso aos sacramentos é considerado sinal de legitimidade para o crente; também a orientação e a ligação com a diocese (o oficial) é ocasião de legitimação. E o sacramento pertence, simultaneamente, à tradição e à reorientação diocesana de hoje em dia; embora nem sempre cabalmente compreendida, essa reorientação é fundamental à ligação legitimante.

Entre os gestos da tradição sacramental descuidada (pelo estado de carência, ou não acesso) e as práticas que os readaptam às diretrizes diocesanas, esses crentes católicos vão constituindo uma "sua" Igreja e um conjunto de "suas" práticas. Existem "impossibilidades" muito concretas pelas quais essas pessoas descuidam sua prática sacramental: longa distância da paróquia mais próxima, falta de dinheiro para a viagem, na qual se batizaria a criança junto ao padrinho escolhido, falta de dinheiro para pagar o casamento civil que é pré-requisito ao casamento católico, impossibilidade de frequentar os cursos exigidos para crisma ou primeira comunhão de filhos, etc, etc. E, por outro lado, existem muitos fatores que contribuem para a incompreensão em torno às diretrizes e orientações da dio-

cese: a falta de participação cotidiana nas reuniões decisivas, a distância entre os hábitos eclesiais dessa população migrante e aqueles hábitos propostos por uma proposta atualizada da diocese local, etc.

Para os elementos da coordenação permanece uma dupla preocupação: por um lado a prática religiosa se referencia , sempre, àquele conjunto de práticas sacramentais da tradição e é por elas que se norteiam os principais esforços dos crentes; e atualizar essa tradição significa atualizar o acesso aos sacramentos e "por em dia" o cristão do bairro; por outro lado, existe a preocupação com a opinião dos padres (e o bispo), pois estes têm seus métodos de aquilatar o antigo pelo oficial; além disso, diferentes dioceses têm diferentes posturas. Por um lado a desmemória da tradição, assim compreendida em sua impossibilidade de práticas; por outro lado a legitimidade indiscutível das diretrizes incompreendidas. A experiência e o traquejo da equipe coordenadora vai agenciando práticas religiosas entre a carência do próprio bairro e a exigência das normas pastorais diocesanas.

"... as pessoa aqui desse bairro parece que vive de vazio... ainda num criou aqui nesse Parque Universitário, um ambiente de educação. Chegou gente do Paraná - metade inteira do Paraná parece que tá aqui - chegou gente do Mato Grosso, de Minas... e eles parece que num preocupou ainda de tratar da qui que nem se fosse lugar de casa deles: como quem chegou e ainda num desfez as malas! Aqui a cidade cresce sem crescer... fica parada no ar, sem fincar raiz."

Rita

O tempo se acautela, escuso e dormido,  
nas recatadas sendas por onde essa gente se semeia,  
inteiramente.

Atrás de cada intenção, calada uma disputa  
espreita e, por palavras torneadas entre a mão e a  
memória, pessoas pronunciam, a cada ato, todos os con-  
ceitos do mundo.

Na celebração dessa memória - noite aberta  
a cada dia - há impaciência sem portos e.... se há  
tempo de chegar??... é porque Deus já veio, em Seu  
dia. E segue batendo, no coração submissamente bom,  
sem nome ainda a promessa de um povo redimido.

E eu, por tardes e noites  
entrado, sou, reverente e  
estrangeiro, revestido pe  
lo dizer gentil e duro de  
sa aldeania urbanizada.  
Eu próprio sou um comentá  
rio, a frívola distância,  
querendo descrever a alma  
dessas horas.

### Questionamentos que permanecem...

Como é que essas pessoas, em se narrando, se percebem socialmente definidas através daquelas representações sobre práticas sociais que as constituem?? A narrativa (com a qual o relato se mescla, na tentativa de / desconfundir-se para averiguar nela uma historicidade em ato) foi aqui privilegiada como "corpus" das representações.

Poderiam essas narrativas, estórias que se reportam a um "tempo idealizado" no qual as pessoas pensam suas práticas sociais, configurar um "campo de expressão" suficientemente abrangente para que as pessoas narrantes se percebam constituintes de um fenômeno social / maior (a Sociedade)?? Poderia um relato (como esse...) / instrumentar e explicitar aquelas consciências em/de processos epistemológicos??

Que tipo de historicidade vai sendo vivida / nessa prontidão humana se recriando ao presentificar sua memória dentro das condições sócio-econômicas sugeridas no decorrer dos relatos e sucedidos?? Que historicidade / é essa?... que permaneceria narrada pela/na vigilância epistemológica com a qual aquelas pessoas se resguardam / num seu (delas) tempo e espaço de migrantes, de moradores, de associados, de crentes...

A partir desse plano (a narração recriadora) e naquelas condições de recriação (a gnoseologia dessa / "meia detença") como se dariam, concretamente, as relações entre:- 1) o que eles são e sabem e que se historiciza ao ser transformado nos corrimões da manha.....  
.....2) e o que eles não são e não sabem, que é impróprio deles e pelo qual eles se legitimam ????

De que *formas* essa historicidade é consciência e mediação entre:- 1) os atores que por ela se configuram, pela via da repercussão da narrativa.....

e 2) os horizontes de uma realidade social mais ampla concebida a partir dessa reflexividade própria ao cotidiano deles. E...tomando a narrativa como a expressão circunstanciadora de práticas recoloridas nessa forma oral) da representação dita e ouvida desde as rodas de bar e buteco até as ambiências da sala e do templo... ao relato caberia a importância (e a pretensão) de objetivar a natureza e a direção dessa gnoseologia.

## O poder de narrar...

Estive, desde o início, privilegiando a narrativa como uma forma deles de teorizar o próprio de si ( uma / ontologia...?) e, assim, reconduzir esse próprio ao im- / próprio das relações sócio-econômicas.

Uma forte característica dessa narrativa me chama a atenção: ela denota um saber-fazer explicitado no duplo movimento de 1) saber-se exercendo e.....  
.....2) saber-se exercido por práticas sociais..  
Saber-se exercendo (o primeiro) na intenção permanente / de melhorar de vida, progredir em direção àqueles espa- / ços historicamente interditados à sua (deles) condição..  
Saber-se exercido (o segundo) pelas transformações que / sua intenção vai incorporando.

A narrativa inaugura um tempo que, segundo me parece, está idealmente conjugado pela ambivalência do matuto que articula suas tramas; 1) por saber-se exercedor de práticas,(o matuto) nelas se reconhece na permanência desse "subir na vida".....2) por saber-se exercido, ele é prisioneiro de necessárias estratégias que rearticulama ilegitimidade de sua (dele) condição.

A narrativa permite conjugar o tempo no qual aque- las pessoas se recompõem pelo contexto diferenciado da / cidade; ao se recompor elas denunciam os critérios dessa cidade que distancia (nas pessoas) a vida do concreto / dela mesma e, assim, marginaliza essas pessoas a partir das suas (delas) formas de conceber a morada, a partir / da sua (delas) capacidade de trabalho, a partir da sua (delas) forma de conceber a educação e boas maneiras....

O significado dessa narrativa é não apenas conteú- do contido pelas palavras....ele é, também, conteúdo con- tido nas relações requeridas pela prática narrante.Ao re- dor dessa episteme pretendeu se caracterizar esse relato. Compreender a narrativa como a ação de enunciar é compre- ender a forma gramatical que se reporta a um contexto / por ela erigido.

E é por esse contexto da narrativa que permite a "densidade significativa" do seu(dela) significado. A expressão semântica da narrativa abrange um conjunto de / relações dentro do conjunto (maior) das práticas sociais vivencialmente nela contidos.

A palavra narrada pode ser entendida, ainda segundo me parece, como um campo de abrangência no qual as relações cotidianas refazem um back-ground cultural em função do saber-fazer urbano (e industrial). Pela narrativa se concretiza um modo de ação explicitador daquelas significações que repõem o passado desse presente. A função referencial do relato é traduzir num todo próprio o im-- próprio dessa necessariedade vivida.

Relatar parece ser um resgate. E, nisso, meu relato se mescla à narrativa deles.

Se as ações-reflexivas da prática cotidiana confirmam, pela narrativa também, a certeza do "poder de idéia" deles...essas mesmas ações ponderam as razões da / despertença (ou inadequação) à urbe. Pelo conduto da narrativa eles se assenhoram de sua ambivalência e dão aos nomes à sua integridade arriscada:- e, nisso, pagam o preço da desautorizada identidade da Consciência consigo mesma. Também nisso (de nomear) evidenciam o pacto com a sua (deles) descondição e, pacto feito, tramam um caminho que afirma a firmeza desses "Homem Inteirado".

A narrativa desses "Homem Inteirado" denota um caminho de pessoas que se revestiram com seus avessos para se afirmar; e, na paixão pelo nome das coisas, recriam o tempo e o contexto do acontecido que se repensa.

E, no prático de ações corredias narradas, se sucedem (relacionados) o real e o irrealizado:- uma sua / (deles) teleologia aí se configura para organizar as / premonições dessa Condição.

Uma questão para a Condição:-  
a incerteza do irremediável "subir na vida"

O conjunto das narrativas que, em parte, encorpam na memória o senso epistemológico das práticas necessárias ao "subir na vida" confere o sentido das tramas; narrar essas tramas é por elas interpretar um princípio explicador geral da cidade (e do mundo?).

São pessoas que se igualizam pela (aqui denominada..) Condição e coletivamente são criterizadas por aquela incerteza irremediável. E é por aí (me parece) que se historia o permanente oscilar desde a matutez de ilegítimos migrantes até a dominância adotada na cidadania. Se coletivamente as pessoas são anacronizadas pelas suas práticas (de gestos ancestrais) :- uma solidariedade presente nos mutirões e nos / laços familiares, a honradez do rijo trabalhar e da palavra empenhável, a devocionalidade....também coletivamente haverá de haver uma atualidade na memória reciclada. E pela narrativa esse relato buscou substanciar esse processo.

A concreção teleológica desse processo (a incerteza irremediável...) confirma pessoas a partir de uma vigilân- / cia epistemológica permanente; essa vigilância, socialmente entendida, atualiza pela dominância adotiva. E as transformações do Saber (o conhecimento) se orientam pela relação identificadora entre práticas significantes (de pessoas) e significação prática (de objetos, coisas e símbolos). Na concretização desse percurso de duas mãos é que a atitude epistemológica das pessoas parece conspirar contra a memória de las próprias.

A narrativa parece configurar uma Natureza nas pes- / soas; aqui individualmente situada, essa Natureza é o esforço das tramas que socializa (atualiza) pessoas. E o Saber / reelaborado, na medida em que erige um cidadão, ele explicita uma Natureza na pessoa ao mesmo tempo em que conspira / contra a Condição. E...se da Natureza da pessoa é que a narrativa pôde comentar e tecer um conjunto de tramas..da Condição dessa pessoa é que essas tramas se evadiram para configurar uma cidadania emergente, cidadania mais própria à História urbana ("dos Home"); Entre a Natureza e a História (o permitido pela trama é o proibido à Condição) a narrativa tece na Natureza o descosturado da História:-ela narra o telos explicador pelo qual se trama na Natureza a sobrevi

vência. A partir desse movimento é que a narrativa permite a aquele um princípio geral (telos explicador) da cidade e do mundo.

Sendo sempre uma conquista, (o esforço de sobreviver) esse mundo é campo de travessia e permite, sempre, uma visão ambígua daquilo que a pessoa é, ela própria sendo. Reconhecer-se nessa complexidade é adentrar pelo caminho que a Condição (defasada, inadaptada, analfabeta, pecadora....) significa. Havendo uma dignidade nessa lucidez de reconhecer-se, essa dignidade estaria em delimitar o Certo e o Errado, apartar o Justo do Injusto, desmisturar a Natureza / tramada da História adotada.

A elaboração de uma Ordem Social a partir desse princípio geral explicador privilegiaria (com destaque) a trama ética (os bons...) e também privilegiaria a Condição, analisada, (os pobres...).

E essa narrativa interpretadora,  
em qual ordem social ela se supõe interpretada?

A ordem social urbana em que tais pessoas vivem agora (Campinas) permite aquele conjunto de práticas dentro das quais as pessoas reelaboram o seu Saber; e retomar a cada momento esse Saber sabido é um "recurso didático" dessa episteme que se repropõe sempre para se encaminhar, cautelosa.

Ser morador, migrante e matuto e crente e associado no bairro é estar realizando, pela narrativa também, uma transição de si através dos fatos e fenômenos vividos desde o horizonte daquela periferia. Essa transição de si, quando no plano da narrativa, elabora aquela recriação (ficcional?) do mundo, das pessoas inter-relacionadas. E essa recriação — plano da representação da vida onde as pessoas se apresentam transeuntes daquela incerteza irremediável — supõe um mundo (uma ordem social) / prenhe de finalidades e determinações; essas finalidades e determinações (de justificação não de todo conhecida) são interpenetradas pela adesão interpretante da atitude da pessoa. A partir dessa adesão é que o mundo se permite interpretado na Natureza da pessoa e é por aí que se estabelecem os condutos pelos quais o mundo vem à pessoa. E os fatos e fenômenos do mundo, quando interpretados pela pessoa que age não-de-acordo com sua Natureza, fazem / dessa pessoa um Sujeito esvaziado nos seus comportamentos, alguém que age na base da consciência retrocedida.

As finalidades e determinações da Ordem Social, se explicados, se reportam ao poder de explicação da Natureza da pessoa; é quando essa pessoa se inventa no poder / de especular idéias e sua vontade se torna "mais forte / que o poder do lugar".

Historiar esse processo de tramas é o desafio permanente da memória; desconfundir-se na mera luta cotidiana pelo pão e familiarizar-se com os condutos desse mundo:— por aí se historia a atualização dessa gente cujos caminhos têm uma sina, cuja História tem destino, cuja crença tem Providência,.....

Essa memória, de pessoas inteiradas, é lugar de passagem, campo de transição:- aos seus momentos de reconhecimento eu chamei "vigilância epistemológica"; os seus atos mais tramam (articulam) para menos estranhar-se dentro da História que os desNatura. E, na totalidade inteirada dessa ordem compreendida, a consciência é o subterfúgio dentro de atitudes de cumplicidade; pois...enquanto não se pode existir de outro modo...no mundo ela se explica pela regra do aprender...e aprender é uma missão que guarda a ética da sobrevivência.

"...vento que vem de toda parte. Dando no meu corpo, aquele ar me falou em gritos de liberdade. Mas liberdade —aposto!— ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender do encoberto, e que ninguém não ensina:- o beco para a liberdade se fazer. Sou um homem ignorante. Mas, me diga o senhor: a vida não é coisa terrível?!?...e não sabe que quem é mesmo inteirado valente, no coração, esse também não pode deixar de ser bom??.

J. Guimarães Rosa  
Grande Sertão : Varedas

## BIBLIOGRAFIA

- :- Alegria, Ciro  
El mundo es ancho y ajeno  
Ed. Milla Batres - 74  
"a vivência original do tempo pela palavra que sai da terra"
- :- Alegria, Ciro  
Sueno y verdad de America  
Ed. Universo - 69  
"...do entendimento civilizador."
- :- Arguedas, Jose Maria  
Os rios profundos  
Paz e Terra - 77  
"a ponte sobre o mundo."
- :- Arguedas, J. Maria e Llosa, Mario V.  
La Novela  
Ed. America Nueva - 74  
"literatura e experiência do mundo"
- :- Bosi, Eclea e outros  
A cultura do povo  
Cortez e Moraes, EDUC - 79  
"a cultura na sabença dos homens:- matizes do cotidiano"
- :- Brandão, Carlos Rodrigues  
O que é Método Paulo Freire  
Brasiliense - 81 - Coleção Primeiros Passos  
"...do universo das falas da cultura"
- :- Brandão, Carlos Rodrigues  
Casa de Escola  
Papyrus - 83  
"etnografar a educação: a trilha invisível do aprender"
- :- Brandão, Carlos Rodrigues  
Pesquisa Participante  
Brasiliense - 81  
"o conceito na ciência popular"
- :- Brandão, Carlos Rodrigues - e outros  
O educador:- vida e morte  
Gaal - 82  
"educação e o sonho possível"
- :- Brandão, Carlos Rodrigues  
Sacerdotes de Viola  
Vozes - 81  
"misturam-se as almas nas coisas, misturam-se coisas nas almas"
- :- Brandão, Carlos Rodrigues  
Diário de campo: a antropologia como alegoria  
Brasiliense - 82  
"teoria: tocar com as mãos"
- :- Brandão, Carlos Rodrigues  
Lutar com a palavra  
Gaal - 82  
"os assombros da memória e do saber"

- :- Cândia, Antonio  
Vários Escritos  
Livraria Duas Cidades - 77  
" Minas Gerais de assombros e anedotas"
- :- Cândia, Antonio  
Tese e Antítese  
Companhia Editora Nacional - 78  
"o Homem dos avessos"
- :- Cândia, Antônio  
Dialética da Malandragem  
de: A Fortuna do Romance  
  
"...da ordem interpretadora da desordem"
- :- Cena Brasileira - Murilo de Carvalho e outros  
Artistas e Festas Populares  
Brasiliense - 77  
"as maneiras do povo e a poesia no ganho da vida"
- :- Certeau, Michel de  
A escrita da história  
Forense Universtitária - 82  
"a oralidade ou o espaço do outro"
- :- Durkheim, Emilio  
As formas elementares da vida religiosa,  
As regras do método sociológico  
Abril Cultural - coleção Os Pensadores  
"os lugares da consciência nomeada"
- :- Foucault, Michel  
As palavras e as coisas  
Livraria Martins Fontes - Ed. Portugalia - 68  
"a coisa na prosa do mundo"
- :- Freire, Paulo  
A importância fundamental do ato de ler  
Ed. Cortez - 83  
"gnoseologia da razão apaixonada"
- :- Freire, Paulo  
Pesquisa Participante  
Brasiliense - 81  
"o pesquisador e o pesquisado na/da semiologia popular"
- :- Feijoó, Maria del Carmen  
Las luchas de un barrio y la memoria colectiva  
Estudios CEDES 82  
"a formação da memória e a prática do esquecimento"
- :- Geertz, Clifford  
A interpretação das culturas  
Zahar 78  
"o discurso da possibilidade cultural como dever da teoria"
- :- Hobbes, Thomas  
Leviatã  
Ed. Abril - coleção Os Pensadores  
"do pacto verbal à origem da expressão do poder"

- :- Lebrun, Gerard  
A paciência do conceito  
Ed. Gallimard 72  
"o ardil da representação..."
- :- Lefort, Claude  
As formas da história  
Brasiliense - 79  
"sociedade'sem história' e historicidade"
- :- Llosa, Mario Vargas  
A guerra do fim do mundo  
Francisco Alves - 81  
"história e heroísmos mal entendidos"
- :- Locke, John  
O Segundo tratado sobre o Governo  
Ed. Abril cultural - coleção Os Pensadores  
"cultura: sintoma da natureza humanamente contagiada"
- :- Levi-Strauss, Claude  
O pensamento selvagem  
Companhia Editora Nacional - USP - 70  
"reconstituir o real:- vocação da circunstância"
- :- Lukacs, Georg  
Ensaio sobre literatura  
Civilização Brasileira - 65  
"Dostoevski:- a vida íntima no mundo"
- :- Malinowski, B.  
Os Argonautas do Pacífico Ocidental  
Ed. Abril - coleção Os Pensadores  
"tema, método e objetivo..."
- :- Meyer, Jean  
La Cristiada - Guerra de los Cristeros  
Siglo XXI - 73  
"os motivos da ideologia..."
- :- Osakabe, Haquira  
Argumentação e discurso político  
Kairós 79  
"ação pela linguagem: significação e conhecimento do mundo"
- :- Paz, Octavio  
O labirinto da solidão  
Paz e Terra 76  
"a incurável outridade que o um padece"
- :- Pomer, Leon  
América  
Brasiliense - 80  
"histórias, delírios e outras magias"
- :- Rosa, João Guimarães  
Grande Sertão: Veredas  
Livreria José Olímpio - 76  
"o diabo na rua, no meio do redemoinho..."

- :- Schnaiderman, Boris  
Dostoiévski : prosa e poesia  
Ed. Perspectiva - 82  
"polifonia e sequência temporal :- entre a ação e o espírito"
- :- Schwarz, Roberto  
A sereia e o desconfiado  
Paz e Terra - 81  
"a oralidade do mundo na função mediadora do texto..."
- :- Segre, Cesare  
Os signos e a crítica  
Ed. Perspectiva - 69  
"o tempo curvo do presente permanecido : quando a opressão demasia"
- :- Todorov, Tzvetan  
A conquista da América  
Liv. Martins Fontes - 83  
"...da questão do outro"
- :- Xavier, Ismail  
Sertão Mar : Glauber Rocha e a estética da fome  
Brasiliense - 83  
"a cunhagem do tempo..."
- :- Xirau, Ramon  
Ensaio crítico e filosófico  
Ed. Perspectiva 75  
"da imagem e semelhança à nostalgia do espaço"

Bibliografia - de artigos

- :- Cardoso, Sergio  
Os sinais do novo  
Folhetim - 06/11/83  
"...do objeto da vontade coletiva soberana"
- :- Carpentier, Alejo  
Oposição entre Natureza e História  
Caderno de Cultura - o E.S.P. - 24/11/82  
"os labirintos da significação"
- :- Cortazar, Julio  
Literatura e Identidade  
Folhetim - 17/10/82  
"...a herança telúrica no alambique do verbo"
- :- Kujawski, Gilberto M.  
O Brasil e a América hispânica  
Caderno de Cultura - o E.S.P. 02/01/83  
"do cotidiano ancestral..."
- :- Jitrik, Noé  
Bajo el signo del barroco  
texto mimeo.  
"da interpretação ficcional da realidade..."
- :- Lebrun, Gerard  
Pensar o conflito  
Caderno de Cultura - o E.S.P. 17/07/83  
"afirmação da política e reconhecimento do outro"
- :- Marquez, Gabriel Garcia  
A realidade mais forte que a literatura  
Caderno de Cultura - o E.S.P. 03/01/82  
"a recriação (não-cartesiana) do real"
- :- Maiakóvski, Vladimir - (por A. Campos)  
A palavra tra(du)zida de Maiakóvski  
Folhetim 26/12/82  
"a extraordinária aventura: 'compreendido em meu país'."
- :- Morin, Edgar  
O intelectual se define pelo valor de universalidade que  
atribui às idéias.  
Cad. Cultura o E.S.P. 4/4/82  
"a convicção contraditória"
- :- Naves, Rodrigo F  
O silêncio, a mudez  
Opinião 04/03/77  
"a totalidade ensimesmada no monólogo"
- :- Paz, Octavio  
A democracia e a A. Latina  
Caderno de Cultura - o E.S.P. 24/11/82  
"a duplicidade do outro na afirmação do um"
- :- Paz, Octavio  
Hispano-América: - literatura e história  
Caderno de Cultura - o E.S.P. 14/9/80  
"a imaginação como crítica da realidade"
- :- Paz, Octavio  
O Diabo e o ideólogo  
Caderno de Cultura . o E.S.P. 7/6/81  
"...na consciência cindida a diabólica metade de si."

- :- Paz, Octavio (por Gyorgy Somlyó)  
O poeta do tempo capturado  
Folhetim 25/3/84  
"a historia desperta na 'outra vida' existente na vida"
- :- Rouquié, Alain  
O Estado sem Sociedade  
Folhetim 20/02/83  
"a realidade engendrada pela ambição da morte do político"
- :- Reis, Fábio Wanderley  
Nação, Identidade coletiva e Democracia  
Caderno de Cultura - o E.S.P. 11/4/82  
"projeção política...ou merecer os nossos sonhos"
- :- Santiago, Silviano  
As Ondas do cotidiano  
Folhetim 02/8/81  
"lacunas na prosa da história"